

Contra o Bolchevismo de Direita (ou o Tradicionalismo de Esquerda)

Respondendo ponto por ponto

Terceira mensagem ao debate com o prof. Alexandre Dugin

Olavo de Carvalho

<http://www.debateolavodugin.blogspot.com/>

Introdução	2
1. Desapontamento.....	4
2. Ataques	5
3. Surpresa.....	6
4. Insulto e revide.....	6
5. Delícia.....	7
6. Tudo é política?.....	7
7. Vontade de poder	14
8. Eurasismo e comunismo	15
9. Contagem de cadáveres.....	16
10. Dugin contra Dugin.....	17
11. O dever de escolher.....	18
12. Armas	19
13. Dugin contra Dugin (2).....	20
14. A diferença entre nós	20
15. A diferença entre nós (2).....	21
16. Aspas anestésicas	21
17. Questão de estilo.....	22
18. Minha opinião estúpida.....	22
19. Julgamento por adivinhação	22
20. A realidade foi inventada na Idade Média	24
21. Realidade e conceito	27
22. Racismo intelectual.....	27
23. Relativismo absoluto e relativo.....	28
24. Relativismo absoluto e relativo (2).....	28
25. Sujeito e objeto	29
26. Essência lógica.....	29
27. Existência e prova.....	29
28. Jogo de cena.....	30
29. Ah, como sou odiento!.....	37
30. Ressentimento.....	39
31. Colocando palavras na minha boca.....	39

32. Ah, como sou odiento! (2)	41
33. Guénon e o Ocidente.....	41
34. O mundo às avessas	42
35. As Sete Torres do Diabo.....	45
36. Assimetria	46
37. Teoria da Conspiração	47
38. Teoria da Conspiração (2).....	48
39. Ideologia da livre competição?	49
40. Interesse nacional americano?	50
41. Fabricando a unidade	51
42. Colocando palavras na minha boca (2).....	52
43. Colocando palavras na minha boca (3).....	53
44. Colocando palavras na minha boca (4).....	54
45. Igreja Ocidental ou Católica?.....	55
46. Igreja Católica e direita americana	55
47. Amor aos fortes.....	56
48. Utopias comparadas.....	56
49. Cristianismo e “sociedade orgânica”	57
50. Sincretismo	59
51. Protestantismo e individualismo	59
52. Judeus.....	60
53. Judeus (2).....	61
54. Judeus (3).....	61
55. Amor aos fortes (2).....	63
56. Multiculturalismo.....	64
57. Espírito guerreiro	64
58. Revolta e pós-modernismo	65
59. A salvação pela destruição.....	65
60. Nem um peido.....	66

Introdução

Que respondeu o prof. Duguin à minha refutação do contraste mecânico entre individualismo e coletivismo? Nada.

Que respondeu à minha demonstração de que o sentimento “holístico” de solidariedade comunitária está mais vivo nos EUA do que em qualquer país do bloco eurasiático? Nada.

À minha comparação entre as maldades respectivas dos EUA, da Rússia e da China? Nada.

Às minhas explicações sobre a natureza da ação histórica e a identidade dos verdadeiros agentes da História? Nada.

À minha sondagem do conflito estrutural que transforma a Igreja Ortodoxa em instrumento dócil de qualquer projeto imperialista russo? Nada.

Ele preferiu fugir de todas as questões decisivas e, simulando dignidade ofendida, sair do palco batendo pezinho, como uma *prima donna* de cabaré. E ainda diz que o histérico sou eu.

De passagem, foi roendo pelas beiradas, tocando em pontos secundários da minha mensagem, aos quais também não respondeu satisfatoriamente, limitando-se a bater no peito arrotando superioridade e a me atribuir idéias que não tenho, que foram inventadas por ele mesmo com a finalidade de impugná-las facilmente e cantar vitória numa batalha imaginária.

É claro que não vou dar o troco na mesma moeda. Meus dons teatrais são nulos ou desprezíveis, como atestava, com a autoridade soberana de ex-aluno de Stanislavsky, o grande ator e diretor russo-brasileiro Eugênio Kusnet, ao declarar, com razão, que eu era o pior aluno do seu Curso de Teatro, o qual, para grande alívio dele, aliás freqüentei por mera curiosidade, sem nenhum intuito maligno de impor ao público minhas abomináveis *performances*.

Em compensação, sou um adestrado estudioso e praticante da arte de argumentar, sobre a qual publiquei ao menos dois livros pioneiros.¹ Como tal, sei o que é um debate, e tenho a certeza de que não é aquilo que o prof. Dugin imagina que seja, isto é, uma gesticulação circense destinada a fazê-lo parecer bonzinho e a afivelar no rosto do adversário uma máscara repugnante. Isso é apenas disputa de vaidades, um jogo besta que, para mim, tem tanto interesse quanto uma luta de minhocas por um buraco no solo.

O que vou fazer aqui é responder ao prof. Dugin ponto por ponto, com a meticulosidade sistemática de quem não quer destruí-lo, mas retirá-lo da turva confusão em que se afoga. Nas linhas que se seguem, cada desconversa escorregadia do prof. Dugin será cuidadosamente reconduzida às questões centrais que ele tentou evitar, e respondida com franqueza direta, sem poses nem caretas.

Para facilitar a leitura, dividi o texto do prof. Dugin em sessenta parágrafos numerados (incluindo as citações que ele faz da minha se-

¹ *Aristóteles em Nova Perspectiva. Introdução à Teoria dos Quatro Discursos*, Rio, Topbooks, 1996, e *Como Vencer um Debate sem Precisar Ter Razão. A Dialética Erística de Arthur Schopenhauer*, Rio, Topbooks, 1997.

gunda mensagem), que aqui reproduzo em letras menores, fazendo-os seguir das minhas respostas.

A extensão desta mensagem não advém de nenhum prazer erótico que eu sinta em redigir textos compridos, mas do simples fato de que – citando-me a mim próprio pela milésima vez – a mente humana é constituída de tal forma que o erro e a mentira sempre podem ser expressos de maneira mais sucinta que a sua refutação. Uma única palavra falsa requer muitas para ser desmentida.

1. Desapontamento

To say the truth, I am a little bit disappointed by this debate with Mr. Olavo de Carvalho. I thought I would find in him a representative of Brazilian traditionalist philosophers in the line of R. Guenon and J.Evola. But he turned out to be something different and very queer indeed.

Da minha parte, não estou desapontado. Mesmo chamado de *queer* – um adjetivo cujas conotações o prof. Duguin finge ignorar –, agora é que estou gostando deste debate. Quando meu oponente começa a ficar enfezado, apelando a rotulações pejorativas, blefes descarados e argumentos de autoridade, sem responder praticamente nada à substância do que eu disse, começo a entender que eu tinha até mais razão do que imaginava de início.

Fico especialmente feliz quando meu contendor usa palavras que contrastam de tal modo com a sua conduta real, que não preciso, para desmenti-lo por completo, senão apelar ao testemunho de suas próprias ações.

O prof. Duguin é um pregador ostensivo da guerra e do genocídio. Ele confessa que odeia o Ocidente inteiro e que tem por objetivo declarado provocar uma Terceira Guerra Mundial, varrer o Ocidente da face da Terra e instaurar por toda parte algo que ele mesmo define como uma ditadura universal.² Ele já disse que nada o entristece mais que o fato de Hitler e Stalin não terem se aliado para destruir a França, a Inglaterra e tudo o mais que encontrassem pela frente, distribuindo

² V. Alexandre Douguine, *La Grande Guerre des Continents*, Paris, Avatar Éditions, 2006.

ao universo inteiro os benefícios que já haviam prodigalizado aos internos do Gulag e de Auschwitz.³

Quando um homem com essas idéias me chama de agressivo e o-diento, não posso senão concluir que estou diante de um exemplo vivo de *delírio de interpretação*⁴, um dos traços definidores da mentalidade revolucionária, sentindo-me satisfeito como o dr. Charcot quando, diante da platéia acadêmica, suas pacientes reagiam exatamente conforme o ponto de psiquiatria clínica que ele desejava ilustrar.

2. Ataques

I am also sad with his hysterical and aggressive attacks against my country, my tradition and myself personally.

(1) Não, prof. Duguin. Quem atacou o seu país e a sua tradição não fui eu. Foram Lênin e Stálin, que o senhor considera preferíveis a Ronald Reagan e até a Barack Obama. Eu me limitei a dizer o óbvio: que todos os russos que aplaudiram aqueles dois deveriam trabalhar para pagar indenizações aos familiares de suas vítimas. Isso é ofensivo? Ou a Justiça foi feita só para os alemães, tendo os russos e chineses um certificado celeste de imunidade? Da sua tradição religiosa eu também não disse nada que o senhor já não tivesse dito antes: que é uma religião estatal, que tem por chefe o tzar ou quem esteja no lugar dele, que portanto não pode se expandir para fora de suas fronteiras senão pela ocupação político-militar de terras estrangeiras. Que é que o senhor tem feito senão demonstrar isso com uma constância notável?

By the way, se o senhor acredita mesmo em holismo e coletivismo, tem de admitir que não faz sentido individualizar as culpas dos políticos, absolvendo ao mesmo tempo a entidade coletiva que lhes deu força e apoio. Ou todos somos indivíduos livres e responsáveis, e neste caso as culpas têm de ser avaliadas indivíduo a indivíduo – mas o senhor considera isso uma abominável ideologia Ocidental –, ou então, meu filho, a coletividade cuja alma se projeta e se condensa num Stalin ou no tzar é culpada dos atos de Stalin e do tzar.

³ V. a entrevista a *Fronde*, citada na mensagem anterior.

⁴ Quadro patológico descrito pioneiramente pelo psiquiatra francês Paul Sérieux em 1909, e que se distingue das demais formas de delírio psicótico por não comportar distúrbios sensoriais, apenas um remanejamento mórbido dos dados da situação. V. Paul Sérieux, *Les Folies Raisonantes, Le Delire d'Interpretation*, Paris, Alcan, 1909. Pode ser descarregado, em PDF, de <http://web2.bium.univ-paris5.fr/livanc/?cote=61092&p=27&do=page>.

(2) É bem significativa, aliás, a sua escolha da palavra “attack” em vez de “offend” or “insult”, muito mais adequados para designar uma investida meramente verbal. O prof. Duguin prega abertamente a destruição do catolicismo pela força, por meios militares e policiais, especialmente nos países do Leste Europeu,⁵ onde a Igreja Católica já sofreu toda sorte de perseguições e restrições. É compreensível que, alimentando esse sonho sangrento, ele se sinta “atacado” ao menor sinal de uma crítica que um homem desarmado faça à Igreja Ortodoxa sem a menor intenção de suprimi-la do mapa. É também altamente significativo que após essa reação desproporcional, histérica no sentido mais literal e técnico do termo, ele diga que o histérico sou eu. A mente revolucionária vive de inculpação projetiva.

3. Surpresa

It is something I was not prepared to meet.

Oh, não mesmo. Com suas bazucas e tanques, ele estava preparado para estimular a matança de algumas centenas de milhões de pessoas, mas jamais poderia esperar que uma delas reclamasse um pouco.

4. Insulto e revide

Knowing his manners of conduct better before,
I would not have agreed to participate in such a debate – I don't like at all this kind of hollow accusations and direct insults .

O primeiro a insultar foi o prof. Duguin, e eu tenho o péssimo hábito de revidar. Não há insulto pior que a insinuação semivelada, no estilo do melhor intrigante de ópera bufa. O prof. Duguin tentou me apresentar aos meus compatriotas como um traidor da pátria, um inimigo do meu país. Um país no qual ele nunca esteve, do qual sabe quase nada, e cujo apoio ele agora pretende conquistar na base da lição barata, sem avisá-lo de que, no Império Eurasiano Universal, dificilmente terá sorte melhor do que teve a Ucrânia sob o domínio russo ou o Tibete sob a ocupação chinesa. Esperava ele que, depois disso, eu lhe devolvesse um tapinha com luvas de pelica? Quem me conhece sabe que odeio as meias-palavras, o veneno doce, a intriga pérfida sussurada em tom melífluo. Se você quer discutir comigo, ou me respeite ou não fique depois choramingando que está com dor de barriga. Seja homem.

⁵ V. *Fronza*, loc. cit.

5. Delícia

So I am going to continue only because of some obligations in front of the group of gentle Brazilian young traditionalists that invited me to enter this unpleasant kind of dialogue – that in other circumstances I would prefer to avoid.

Por que “unpleasant”? Isto está uma delícia!

6. Tudo é política?

For the beginning there are some short remarks concerning some affirmations of Mr. Carvalho. *“Political Science, as I have said, was born at the moment when Plato and Aristotle distinguished between the discourse of political agents and the discourse of the scientific observer who seeks to understand what is going on among the agents. It is true that political agents may, over time, learn how to use certain instruments of scientific discourse for their own ends; it is also true that the scientific observer may have preferences for the politics of this or that agent. But this does nothing to alter the validity of the initial distinction: the discourse of the political agent aims to produce certain actions that favor his victory, while the discourse of the scientific observer seeks to obtain a clear view of what is at stake, by understanding the objectives and means of action of each of the agents, the general situation where the competition takes place, its most probable developments, and the meaning of such events in the larger picture of human existence.”* The thesis is overthrown by Marx in his analysis of the ideology as the implicit basis for the science as such. Not being Marxist myself, I am sure that observation is correct. *“The function of the scientific observer becomes even more distinct from that of the agents when he neither wishes nor can take sides with any of them and keeps himself at a necessary distance in order to describe the picture with the maximum realism available to him.”* I argue that that is simply impossible. There is no such place in the realm of thought that can be fully neutral in political terms. Every human thought is politically oriented and motivated.

Por essa, eu é que não esperava. Cresci ouvindo essa patacoada do engajamento inevitável, da politização universal de todos os atos humanos, e não imaginava que o prof. Duguin tentaria me intimidar com essa pegadinha, um chavão sem sentido que nenhum filósofo com algum treinamento pode levar a sério nem por um minuto. Como toda expressão de ignorância grossa, essa traz em si, condensada e compactada, uma multidão de confusões vulgares que só a educação, ao longo do tempo, pode desfazer. Não tenho a menor pretensão de sanar as falhas da educação do prof. Duguin, mas, só a título de sugestão, dou aqui uma breve lista de questões às quais ele faria bem de consagrar alguma atenção nos próximos anos. Vejamos:

(1) *“Every human thought is politically oriented and motivated”* é uma afirmação baseada na mera confusão entre conceito e figura de linguagem. Todos os atos humanos “podem”, em tese e idealmente, ter alguma relação mais próxima ou mais remota com a política, mas nem todos podem ser “politicamente orientados e motivados” no mesmo grau e no mesmo sentido. Nenhuma intenção política me move quando vou ao banheiro, visto minhas calças, tomo um refrigerante, como um sanduíche, ouço uma cantata de Bach, arrumo os papéis no meu escritório ou corto a grama do meu jardim (a não ser que o propósito de evitar uma invasão de cobras seja um preconceito político contra essas gentis criaturas). A ligação dos atos humanos com a política distribui-se numa escala que vai de 100 por cento a algo como 0,00000001 por cento. Quando, por exemplo, George W. Bush fazia pipi, seria isso um ato político no mesmo grau e no mesmo sentido da declaração de guerra ao Iraque? Com toda a evidência, a proposição *“Every human thought is politically oriented and motivated”* salta da mera notícia de uma participação que pode ser vaga e remotíssima à afirmação peremptória de uma identidade substancial perfeitamente inexistente e de uma igualdade quantitativa impossível. Não é um conceito. É uma figura de linguagem, uma hipérbole. Como tal, não descreve nenhuma realidade objetiva, mas a ênfase que o falante deseja imprimir ao assunto – numa escala que pode ir da mera demanda de atenção até à abolição psicótica do senso das proporções. A declaração do prof. Duguin inclui-se claramente nesta última categoria.

(2) Todos os atos humanos, por definição, participam, em grau maior ou menor, de todas as dimensões não só da vida humana, mas da existência em geral. Nenhum participa delas todas no mesmo nível e com a mesma intensidade. Assim, afirmações do tipo “tudo é física”,

“tudo são átomos”, “tudo é psicologia”, “tudo é biologia”, “tudo é teatro”, “tudo é jogo”, “tudo é religião”, “tudo é vontade de poder”, “tudo é economia”, “tudo é sexo” e “*Every human thought is politically oriented and motivated*” são ao mesmo tempo irrefutáveis e vazias. Não podem ser contestadas, porque não dizem nada.

(3) A afirmação “*There is no such place in the realm of thought that can be fully neutral in political terms*” é uma confusão primária entre gênero e espécie: entre a política como uma das dimensões gerais da existência e as várias disputas políticas em especial, historicamente existentes aqui e ali. Ainda que se aceitasse, *ad argumentandum*, a hipótese de que todos os atos humanos são políticos, isso não implicaria de maneira alguma a conclusão de que cada ser humano tem de tomar posição em todas as disputas políticas que se travam no seu tempo. A possibilidade mesma de tomar posição implica a seleção prévia de quais disputas são relevantes e quais são indiferentes ou falsas. A neutralidade ante uma multidão de questões políticas é não somente possível, mas é uma condição indispensável para a tomada de posição em qualquer uma delas em particular.

(4) Não posso crer que o prof. Duguin seja ingênuo ao ponto de ignorar que a definição dos objetivos do jogo político e a delimitação dos campos são, elas próprias, atitudes políticas fundamentais. “Moldar o debate” é o meio mais rápido e eficiente de vencê-lo por antecipação. Ora, uma vez delineada uma disputa política, nada impede que um cidadão, em vez de tomar partido de um time ou do outro, rejeite a disputa mesma e proponha, em lugar dela, uma outra completamente diversa, desprezando a primeira não somente como irrelevante, mas falsa, e recusando-se portanto a optar entre contendores que, na sua opinião, são apenas sombras projetadas na parede para iludi-lo. Neste caso, ele tem de permanecer neutro na disputa alheia precisamente para poder tomar partido na sua própria.

Este mesmo debate exemplifica isso de maneira superlativamente clara. O prof. Duguin, tal como os globalistas ocidentais, quer me forçar a optar entre “o Ocidente e o Resto”, berra que ninguém pode permanecer neutro nessa disputa e insiste que todos temos até mesmo de aceitar tranqüilamente, para resolvê-la, a perspectiva singela de uma Terceira Guerra Mundial, forçosamente muito mais vasta e destrutiva que as duas anteriores.

Do meu ponto de vista, ainda que a população inteira do planeta engolisse essa proposta e decidisse se alistar num dos dois exércitos, isso não tornaria a disputa moralmente legítima, não provaria ser ela uma fatalidade histórica incontornável nem muito menos faria dela uma expressão adequada dos verdadeiros antagonismos que dividem a espécie humana.

Por que, aliás, deveria a escolha fundamental ser de ordem geopolítica e não, por exemplo, moral ou religiosa? Por que deveriam os bons e os maus estar distribuídos em fronteiras geográficas separadas, em vez de espalhar-se um pouco por toda parte, sem qualquer uniformidade nacional ou racial?

Para mim, muito mais que uma hipotética e artificiosa disputa entre “Ocidentais” e “Orientais”, o que está em jogo hoje é a luta mortal entre o globalismo inteiro – na sua tripla versão ocidental, russo-chinesa e islâmica – e valores espirituais e civilizacionais milenares que serão necessariamente destruídos no curso da luta pela dominação global, pouco importando quem saia “vencedor”.

Esses valores não são “ocidentais”. Quem ignora, por exemplo, que a Igreja Ortodoxa não pode entrar no “projeto eurasiático” sem tornar-se instrumento passivo nas mãos da KGB (com nome trocado pela enésima vez), como aliás já se tornou sob a liderança de um patriarca que é notório agente dessa instituição macabra? Leiam as obras da grande tradição ortodoxa, como a *Filocalia* ou os *Relatos de um Peregrino Russo*, e comparem com os discursos ideológicos do prof. Duguin. Que pode haver de comum entre a apoteose da vida contemplativa e a prostituição de tudo aos ditames da luta política? Que acordo pode existir entre Nosso Senhor Jesus Cristo e o demônio?

Do mesmo modo, praticamente tudo se perdeu da espiritualidade islâmica – e até da filosofia islâmica – quando gerações de jovens *enragés* decidiram islamizar o mundo à base de atentados terroristas, inspirados nas doutrinas da Fraternidade Muçulmana, que não passam de uma “teologia da libertação”, de uma politização grosseira daquilo que um dia foi o Islam. Comparem os escritos de Mohieddin Ibn ‘Arabi ou de Jalal-ed-Din Rûmi com os de Sayyid Qutub, mentor da Fraternidade, e terão uma idéia do que é uma queda abissal.

A politização geral da vida – um dos traços típicos da modernidade ocidental que o prof. Duguin diz odiar mas da qual, como veremos adiante, é um escravo ideológico inerme e passivo – teve também, é

claro, resultados espiritualmente desastrosos no Ocidente. A degradação do judaísmo pelo liberalismo modernizante desde o início do século XIX, descrita pelo rabino Marvin Antelman em *To Eliminate the Opiate*,⁶ foi uma espécie de laboratório em miniatura que preparou operação idêntica realizada no século XX, em escala muito maior, na Igreja Católica, culminando no desastre completo do Concílio Vaticano II. Quanto às igrejas protestantes, quem não sabe que o Conselho Mundial das Igrejas, que congrega tantas delas, é uma instituição comunista, e que as não infectadas de comunismo estão doentes de “teologia da prosperidade”, tão materialista quanto o comunismo?

Em todos esses casos vale a advertência de Eric Voegelin: “*The modern form by which a mass democracy is organized [aí incluídas, e até prioritariamente, as “democracias totalitárias” da Rússia, da China e do mundo islâmico] is spiritually the most dangerous to the individual personally, for the political propaganda fills his spirit with abstract clichés, which are infinitely distant from any essential genuineness of the personal, and therefore radically negates the best and unique features of the entire human being.*”⁷

Diante de fatos como esse, o homem que está mais interessado na vida eterna do que nas lutas políticas, muito provavelmente, em vez de tomar parte na disputa entre globalismos, fará o possível para depreciá-la, desmoralizá-la e diluí-la na disputa maior entre a Cidade de Deus e a Cidade dos Homens, nesta incluídas o Consórcio, o Império Eurasiano e o Califado.

Minha briga é essa, não aquela em que o prof. Duguin tenta me envolver contra a minha vontade, vestindo em mim a camisa-de-força de um partido que não é o meu nem nunca poderia ser, torcendo para isso o sentido das minhas palavras até fazê-las dizer o contrário do que dizem e fazendo-me assim a mais grave ofensa que se pode fazer a um filósofo: negar a individualidade das suas idéias e reduzi-las a cópias de discursos coletivos que ele despreza.

(5) Com ares de quem revela uma verdade universalmente conhecida a um caipira para quem ela é novidade absoluta, o prof. Duguin me informa que a distinção platônico-aristotélica entre os pontos de vista do agente e do observador já não vale porque foi “derrubada”

⁶ Jerusalem, Zahavia, 1974. O vol. II foi publicado em 2002 pelo Zionist Book Club, Jerusalem.

⁷ Eric Voegelin, *Published Essays 1929-1933, Collected Works*, vol. 8, University of Missouri Press, 2003, p. 238.

por Karl Marx. O prof. Duguin escolheu o cliente errado para vender seu produto. Duas décadas atrás já examinei criticamente essa presunção da doutrina marxista e demonstrei sua completa absurdidade no meu livro *O Jardim das Aflições*,⁸ ao qual remeto os interessados, dispensando-me de repetir aqui o que já expliquei ali. Karl Marx não “derrubou” coisa nenhuma; apenas armou, sob o nome de *práxis*, uma confusão psicótica entre teoria e prática, da qual muitos intelectuais ainda não se refizeram. Se o prof. Duguin vem brandir essa confusão diante dos meus olhos como se fosse uma verdade definitivamente conquistada – tão definitivamente que, para desarmar o antagonista, basta citá-la por alto, sem precisar sequer argumentar em favor dela –, ele só demonstra que ele próprio jamais a examinou criticamente, limitando-se a incorporá-la como dogma na sua ideologia pessoal. Nasce um otário por minuto, já ensinava P. T. Barnum.

(6) Além da obviedade acima destacada, de que para tomar posição numa única disputa é preciso permanecer neutro numa multidão de outras disputas – de modo que a negação de toda neutralidade traria consigo a impossibilidade de tomar posição –, resta o fato de que mesmo na mente de um agente em particular, seja ele o mais ativo e engajado dos agentes, o ponto de vista da observação teórica tem de permanecer formalmente distinto do ponto de vista do planejador de ações ou do agitador das massas, ou seja, o agente tem de ser observador neutro primeiro para em seguida poder agir sobre uma situação que domina intelectualmente. Testemunha-o o próprio prof. Duguin quando, linhas adiante, confessa: *“In my courses in the sociological faculty of Moscow State University, where I chair the department of the Sociology of International Relations, I never profess my own political views and I give always the full spectrum of the possible political interpretations of the facts, but I don’t insist on one concrete point of view, always stressing that there is a choice.”*

Que é isto senão a reprodução, com outras palavras, do que eu havia dito na minha segunda mensagem? Leiam-na de novo, por favor: “É certo que com o tempo os agentes políticos podem aprender a usar certos instrumentos do discurso científico para seus próprios fins; é certo também que o observador científico pode ter preferências pela política deste ou daquele agente. Mas isso não muda em nada a vali-

⁸ *O Jardim das Aflições: De Epicuro à Ressurreição de César. Ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil*, Rio, Diadorim, 1995 (2ª. Ed., São Paulo, É-Realizações, 2004, pp. 107-119, reproduzido em <http://www.olavodecarvalho.org/traducoes/epicurus.htm>).

dade da distinção inicial: o discurso do agente político visa a produzir certas ações que favoreçam a sua vitória, o do observador científico, a obter uma visão clara do que está em jogo, compreendendo os objetivos e meios de ação de cada um dos agentes, a situação geral onde a competição se desenrola, quais seus desenvolvimentos mais prováveis e qual o sentido dos acontecimentos no quadro mais amplo da existência humana.”

Em suma: quando o prof. Duguin fala como observador científico, ele tenta compreender a situação. Quando fala como agente, tenta produzir ações que levem à vitória do seu partido. E quem, ó raios, não faz a mesma coisa? Os meios intelectuais e verbais da observação científica são tão diferentes dos meios da ação política, que a eficácia mesma desta última exige a separação preliminar dos dois pontos de vista, sem a qual sua articulação posterior no plano da prática seria só confusão, mentira e auto-engano sem fim, como a história do movimento marxista o demonstrou com sobra de evidência.

Se o prof. Duguin, na sua atividade acadêmica, segue a mesma distinção que eu sigo, ele obviamente não acredita em si próprio quando diz que essa distinção foi “derrubada” por Karl Marx.

A única diferença que poderia haver entre nós, no caso – e digo “poderia” porque ela não tem de existir necessariamente – é que ele assegura que, após obtida uma descrição suficientemente clara das forças em disputa, isto é, uma vez terminado o serviço do observador científico, é preciso fazer uma escolha e “*this choice is not only the freedom but also the obligation. You are free to choose but you are not free to chose not.*”

Ora, a obrigação de tomar posição não pode ser absoluta. É relativa por definição. Ela só vale se aceitarmos que a descrição científica é veraz, que ela é a única possível ou pelo menos a mais acertada de todas e que a disputa que ela descreve é tão importante, tão vital para o destino humano, que toda recusa de tomar posição nela seria uma covardia imperdoável. Ora, bolas, quantos professores universitários podem se gabar de ter alcançado uma descrição tão certa e definitiva da realidade, um equacionamento tão certo dos antagonismos essenciais, que quem quer que os ouça está moralmente obrigado a tomar posição nos termos da oposição que ele definiu? Na minha modesta opinião, só quem conseguiu uma descrição tão acertada e final foi Nosso Senhor Jesus Cristo, quando disse que tínhamos de escolher

entre Ele e o Príncipe deste Mundo. Os professores universitários, em geral, projetam sobre o auditório o conflito que se agita nas suas almas, e só os mais presunçosos dentre eles proclamam que é o conflito essencial do mundo, ante o qual ninguém tem o direito de permanecer neutro. A pergunta que aí surge fatalmente é: E se a descrição for falsa? Se discordo da descrição, por que hei de tomar partido numa disputa hipotética que só existe na cabeça do meu professor e que não corresponde aos fatos como os enxergo? Por que não não terei eu o direito de permanecer neutro entre hipóteses professorais e escolher eu próprio a minha briga? Ainda uma vez, a neutralidade se revela não somente possível, mas uma condição necessária da tomada de posição.

O prof. Duguin não compreende essas sutilezas. Escorado na autoridade infalível de Karl Marx, ele espera seriamente que o mundo aceite a sua regra do jogo e, sem mais delongas, se inscreva num dos times. Eu, da minha parte, tenho mais o que fazer. Sem nenhuma intenção de ofensa, devolvo, em branco, o formulário de inscrição.

7. Vontade de poder

7. The will to power permeates the human nature in its depths. The distance evoked by Mr. Carvalho is ontologically impossible. Plato and Aristotle were both *politically engaged* not only in practice but also in theory.

(1) O prof. Duguin declara ser o apóstolo do Absoluto, da Tradição, do Espírito, mas ele não pode sê-lo de maneira alguma, desde o momento em que decreta o primado do político e nega a autonomia (ou até a possibilidade mesma) da vida contemplativa, reduzindo-a a instrumento ou camuflagem da “vontade de poder”. A hipótese de que, por exemplo, Sta. Teresa contemplando Nosso Senhor Jesus Cristo estivesse “fazendo política” ou exercendo a “vontade de poder” reflete a mesma confusão, já assinalada aqui [6(1) e 6(2)], entre participação remotíssima e igualdade quantitativa.

(2) Desfeita essa confusão, não é verdade que “Plato and Aristotle were both *politically engaged* not only in practice but also in theory”. Platão, na Carta VII, explica que decidiu se dedicar à filosofia precisamente após ter-se desiludido com a política. Que sua filosofia pudesse ter desenvolvimentos políticos posteriores não implica que ela mesma fosse ativismo político, assim como o próprio prof. Duguin,

quando descreve uma situação política, não está fazendo ativismo político, tal como ele próprio o confirma. Quanto a Aristóteles, sua simples condição de estrangeiro vetava-lhe desde logo a participação na política ateniense, e ao longo das obras que ele nos legou suas tomadas de posição são tão prudentes e moderadas, isto é, tão neutras politicamente, que puderam inspirar por igual as políticas mais diversas, desde a de Sto. Tomás até a de Karl Marx.

(3) O apelo à “vontade de poder” como chave explicativa universal é altamente significativo. Esse *topos* nietzscheano volta à cena sempre que alguém deseja dissuadir-nos de buscar uma solução racional para os conflitos humanos e convidar-nos a participar de um morticínio redentor. O prof. Duguin não esconde que seu propósito seja precisamente esse. Só que, para realizá-lo ele precisa, de novo, incorrer na confusão imperdoável entre participação escalar e identidade quantitativa. Todos os atos humanos estão permeados de “vontade de poder”? Decerto. Mas em que grau? E qual a proporção entre essa força motivacional e as outras envolvidas? Quando você faz sexo com sua esposa, há certamente aí um tantinho de vontade de poder. Mas, se ele predominar sobre o desejo de prazer, o carinho, o impulso de agradar o ser amado, etc., já não será um ato de sexo lícito, será um estupro. Pergunte à sua esposa se ela não percebe a diferença. A apologia da “vontade de poder” como explicação última dos atos humanos não é uma descrição válida da realidade, não é nem mesmo uma teoria: é uma projeção doentia, em linguagem fingidamente teórica, de uma compulsão de extinguir todas as demais motivações humanas, especialmente o amor e o desejo de conhecimento. Não espanta que o inventor desse geringonça fosse um pobre coitado, sem dinheiro, sem prestígio, sem amigos, sem uma namorada sequer, obrigado a socorrer-se de prostitutas que acabaram por infectá-lo da sífilis que o enlouqueceu e matou. Não por coincidência, a segunda chave explicativa em que ele apostou foi... o ressentimento.

8. Eurasismo e comunismo

“The photos that I attached to my first message, by way of a humorous synthesis, document all the difference between the political agent invested with global plans and means of action of imperial scale and the scientific observer not only divested of both, but firmly decided to reject them and to live without them until the end of his days, since they

are unnecessary and inconvenient to the mission in life that he has chosen and that is for him the only reasonable justification for his existence.” The indignity demonstrated a little above against “Russian-Chinese” poles and completely ridiculous identification between the Eurasianism and the communism is the bright testimony of the extreme partiality of Mr. Carvalho.

Nunca “identifiquei” eurasismo e comunismo, ao menos do ponto de vista ideológico, embora inclua ambos na categoria dos movimentos revolucionários, no sentido preciso que dou a este termo.⁹ No entanto, política não é mero confronto de ideologias. É disputa do poder por grupos humanos bem concretos e definidos. O prof. Duguin não será cínico o bastante para negar que o grupo atualmente no poder na Rússia é o mesmo que dominava o país no tempo do comunismo. Substancialmente, é a KGB (ou FSB, que a mudança periódica de nomes jamais mudou a natureza dessa instituição). Pior ainda, é a KGB com poder brutalmente ampliado: de um lado, se no regime comunista havia um agente da polícia secreta para cada 400 cidadãos, hoje há um para cada 200, caracterizando a Rússia, inconfundivelmente, como Estado policial; de outro, o rateio das propriedades estatais entre agentes e colaboradores da polícia política, que se transformaram da noite para o dia em “oligarcas” sem perder seus vínculos de submissão à KGB, concede a esta entidade o privilégio de atuar no Ocidente, sob camadas e camadas de disfarces, com uma liberdade de movimentos que seria impensável no tempo de Stalin ou de Kruschov.

Ideologicamente, o eurasismo é diferente do comunismo. É, como disse Jeffrey Nyquist, o “bolchevismo de direita”. Mas ideologia, como definia o próprio Karl Marx, é apenas um “vestido de idéias” a encobrir um esquema de poder. O esquema de poder na Rússia trocou de vestido, mas continua o mesmo – com as mesmas pessoas nos mesmos lugares, exercendo as mesmas funções, com as mesmas ambições totalitárias de sempre.

Não há parcialidade nenhuma em dizer o óbvio.

9. Contagem de cadáveres

The evaluation of the major global forces is based on the presumption of the scale that could be

⁹ V/. minha conferência “The Structure of the Revolutionary Mind” em <http://philosophyseminar.com/multimedia/video/166-the-revolutionary-mentality.html>.

taken as the measure – the quantity of humans killed.

Uai, e que é que diferencia um infortúnio pessoal de uma tragédia mundial, senão o número de vítimas? Isto não é uma “presunção”, é a definição mesma dos termos em uso. “Genocídio” é a liquidação sistemática de uma comunidade étnica, política ou religiosa. “Democídio” é o extermínio de populações civis pela iniciativa de seus próprios governos. Ponto final. Se o número de seres humanos assassinados não serve de medida da gravidade de um genocídio ou democídio, por que deveríamos distinguir entre o Holocausto e qualquer homicídio singular cometido por um racista isolado, sem poder de governo? Mais ainda: se a quantidade de vítimas não faz diferença, como distinguir entre o autor de um só crime de morte e um *serial killer*? Onde iria parar, com isso, a noção de *reincidência*, que a jurisprudência universal proclama ser um agravante do crime? Terá sido um erro dos juristas de todos os países e de todas as épocas aumentar as penalidades conforme o número de crimes?

Não por coincidência, são sempre os culpados dos maiores genocídios e democídios os que, num paroxismo de desespero retórico, tentam jogar lama na água, apelando ao argumento absurdo e insultuoso de que os números não fazem diferença.

O prof. Duguin vai até um pouco além, colocando o termo “genocídio” entre aspas atenuantes quando se refere ao assassinato de *140 milhões de civis desarmados* pelos governos da Rússia e da China, mas usando o mesmo termo sem aspas nenhuma, denotando portanto sentido literal e preciso, quando fala das mortes *em combate*, e em número incomparavelmente menor, ocorridas durante as intervenções americanas no Afeganistão e na Líbia.

É a inversão completa do senso das proporções, a verborragia louca de quem, não tendo nenhuma razão, tenta desesperadamente desnortear a platéia para impedi-la de enxergar a realidade nua e crua.

10. Duguin contra Duguin

It is not so evident and is rather example of political anti-communist and anti-Russian propaganda than the result of “scientific analysis”. Yes, I am political agent of Eurasian *Weltanschauung*. At the same time I am political analyst and scientist. The two aspects don’t correspond fully. In my courses in the sociological faculty of Moscow State Univer-

sity, where I chair the department of the Sociology of International Relations, I never profess my own political views and I give always the full spectrum of the possible political interpretations of the facts, but I don't insist on one concrete point of view, always stressing that there is a choice.

Tal como já comentei linhas atrás, aqui o prof. Duguin demonstra, por seu próprio exemplo, que não é possível compreender uma situação política, e muito menos agir nela eficazmente, sem primeiro obedecer à distinção platônico-aristotélica entre o ponto de vista do observador e o do agente, distinção à qual linhas atrás ele tinha negado toda validade. Ainda quando o observador e o agente estejam sintetizados na mesma pessoa, as perspectivas desde as quais ela encara os fatos têm de permanecer formalmente distintas e inconfundíveis.

11. O dever de escolher

At the same time this choice is not only the freedom but *also the obligation*. You are free to choose but *you are not free to chose not*. There is never such a thing as political or ideological “neutrality”.

Voltamos ao tema da escolha forçada. O direito de escolher não significa nada se não implica também o direito de escolher entre várias propostas de escolha. Por que teríamos a obrigação de escolher precisamente entre as alternativas oferecidas pelo prof. Duguin, sem poder propor alternativas diferentes, um leque diferente de escolhas possíveis? O próprio prof. Duguin, com candura exemplar, exerce esse direito que ele nega aos outros: “Os nacional-bolcheviques (em nome dos quais ele fala nesse trecho) afirmam o idealismo objetivo... e o materialismo objetivo..., recusando-se a escolher entre eles.”¹⁰ Só Deus tem o direito de nos impor a escolha derradeira, final, irrecorrível. “Quem não está comigo, está contra mim” e “Quem não junta comigo, separa”, disse o Senhor. Desde então, seus macaqueadores satânicos não param de fingir que têm na mão a escolha definitiva, obrigatória, cristalizada num dualismo macabro. Eu não poderia mostrar o absurdo disso melhor do que o resumiu Otto Maria Carpeaux num ensaio memorável sobre Shakespeare:

“Durante anos foi a consciência européia maltratada pela suposta obrigação de escolher entre Hitler e Stalin – ‘não há outra alternati-

¹⁰ V. Alexandre Douguine, *Le Prophète de l'Eurasisme*, Paris. Avatar Éditions, 2006, p. 133.

va!'. Depois, quiseram obrigar a consciência mundial a escolher entre Stalin e Foster Dulles – ‘não há outra alternativa!’ E depois e em toda parte continuam impondo-nos essas alternativas, tão parecidas com a luta absurda entre as duas Casas de Montague e Capulet, que é o verdadeiro tema de *Romeo and Juliet*... É esta a verdade que Mercutio reconhece na extrema lucidez da hora da agonia, gritando – e gritamos com ele: *A plague o' both your houses!*, ‘A peste sobre vossas duas casas!’, e amém.”¹¹

Se as casas são três em vez de duas, que a peste venha em triplo. Nenhum duguinismo do mundo poderá me obrigar a escolher entre o Consórcio, o Califado e o Império Russo-Chinês. Mas o prof. Duguin até simplifica as coisas para mim, sintetizando estes dois últimos no Império Eurasiano, reduzindo as alternativas ao bom e velho dualismo dos Montagues e Capuletos e querendo vestir em nós a camisa-de-força da escolha obrigatória. *A plague o' both your houses!*

12. Armas

So it is quite erroneous to present Mr. Carvalho himself as “neutral” and “impartial” and myself as “engaged” and “ideologically motivated”. We are both ideologically engaged and scientifically involved. So I continue to regard our photos not as “professor vs the warrior” but rather two “professors/warriors vs each other”. Finally in the arms of Mr. Carvalho is a gun. Not a cross, for example. By the way, there are some photos of myself bearing a big orthodox cross during religious ceremonies. So, that would illustrate nothing. Our religions are different as our civilizations are.

É certo que nós dois aparecemos nas fotos carregando armas, mas quais armas? A minha é uma espingarda de caça, que pode eventualmente servir para a defesa da casa mas é normalmente de uso esportivo e, neste caso concreto, tem servido eminentemente (v. nova foto) para matar cobras antes que mordam meus cachorros menores (não o grandão, que as come pensando que são salsichas móveis). Já as do prof. Duguin são armas de guerra, privativas de governos, criadas especificamente para matar seres humanos (ninguém jamais caçou cobras ou tatus com uma bazuca ou um tanque), e não para matar um ou

¹¹ Otto Maria Carpeaux, “A política, segundo Shakespeare”, em *Ensaio Reunidos 1942-1978*, Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho, Rio, Universidade da Cidade e Topbooks, Rio, 1999, vol. I, pp. 783-784.

dois e sim para liquidá-los a granel, às centenas, aos milhares. Como dizer que essa diferença “não ilustra nada”? Não há mesmo diferença entre defesa pessoal e homicídio em massa?

13. Dugin contra Dugin (2)

“Both professor Dugin and I are performing our respective tasks with utmost dedication, seriousness and honesty. But these tasks are not one and the same. His task is to recruit soldiers for the battle against the West and for the establishment of the universal Eurasian Empire. Mine is to attempt to understand the political situation of the world so that my readers and I are not reduced to the condition of blind men caught in the gunfire of the global combat; so that we are not dragged by the vortex of History like leaves in a storm, without ever knowing whence we came or whither we are being carried.”

I agree here in one point. It is true that “to recruit soldiers for the battle against the West and for the establishment of the universal Eurasian Empire” is my goal. But it is possible only after having achieved the correct vision of the world global situation based on the accurate analysis of the balance of forces and main actors.

Uma vez mais o prof. Dugin confirma, após tê-la negado, a distinção formal e indispensável entre o ponto de vista do observador científico e o do agente político.

14. A diferença entre nós

So up to this moment Mr. Carvalho and myself we have the strictly one and the same task. If our understanding of the leading world forces and their identification differs that doesn't mean automatically that I am motivated exclusively by political and geopolitical choice and himself by the “neutral”, purely “scientific” reasoning. We are both trying to understand the world we live in, and I presume that we both are doing it honestly. But our conclusions don't fit. I wonder why and try to find deeper reasons than simply the obvious fact of my own ideological and political involvement. We both want to make our world better and not worse. But we both have different visions of what is the Good and Evil. And I wonder where lies difference.

A diferença é a seguinte. Eu, após ter tomado posição com aquela prensa indecente da juventude, logo voltei atrás e passei trinta anos – não trinta dias – lutando com minhas próprias dúvidas, entre mil perplexidades, sem conseguir tomar partido de nada exceto em caráter experimental e provisório, só voltando a emitir opiniões políticas aos quarenta e oito anos de idade, após ter chegado a algumas conclusões que me pareciam razoáveis, e mesmo assim advertindo sempre para a possibilidade de estar errado. O prof. Duguin não esteve em dúvida um dia sequer: tomou partido do nacional-bolchevismo quando era ainda muito jovem e continua fiel ao mesmo programa, ampliado em eurasismo. Ele simplesmente não passou pelo período de abstinência *real* de opiniões que é absolutamente necessário à formação de um intelectual sério.

15. A diferença entre nós (2)

I believe it is rather the result of the divergence of the mutual civilizations; we have respectively different ontologies, anthropologies and sociologies. So the culpabilization and demonization of each other is the result of the necessary mutual “*ethnocentric*” positions and not the final arguments for the choice of lesser evil.

Absolutamente errado. Como veremos adiante, a mente do prof. Duguin foi muito mais moldada pela intelectualidade ocidental do que por qualquer tradição espiritual do Oriente, ao passo que eu tive entre minhas principais influências formadoras a de Swami Dayananda Sarasvati, diretor da Academia de Estudos Védicos de Bombaim,¹² e depois disso ainda me deixei imbuir de orientalismo ao ponto de me tornar autor de estudos islâmicos que vieram a ser premiados pelo governo da Arábia Saudita. Nossa diferença é de experiência intelectual pessoal, não de “civilizações”.

16. Aspas anestésicas

“He employs all the usual instruments of political propaganda: Manichean simplification, defamatory labeling, perfidious insinuation, the phony indignation of a culprit pretending to be a saint and, last, not least, the construction of the great Sorelian myth – or self-fulfilling prophecy – which, while

¹² V. meu depoimento a respeito na Nota introdutória a *A Longa Marcha da Vaca para o Brejo & Os Filhos da PUC. O Imbecil Coletivo II*, Rio, Topbooks, 1998.

pretending to describe reality, builds in the air an agglutinating symbol in hopes that the false may become true by the massive adherence of the audience.” Stressing the presumed fact of the communist Russian-Chinese “genocide” Mr. Carvalho does exactly the same game of the pure political propaganda playing on the false humanitarian sensibility of the Western audience, not remarking, by the way, the real, existing here and now, massive and planned genocide conducted in Afghanistan, Iraq or Libya by American bloody murderers.

Já expliquei lá atrás a falsidade monstruosa dessa comparação, baseada na inversão completa do senso das proporções. Matar 140 milhões de seus concidadãos desarmados não torna genocidas os governantes da Rússia e da China, exceto entre aspas paternalmente amoretadoras. Já a morte de soldados em combate, em número duas mil vezes menor, é “massive and planned genocide conducted by American bloody murderers”. Sem aspas no original.

17. Questão de estilo

I imitate here the very “scientific” style of polemic imposed by Mr. Carvalho.

Que farsa! O prof. Dugin já vem chamando os americanos de “bloody murderers” desde há muitos anos, e nunca precisou do meu incentivo literário para isso. Ademais, o caráter científico ou não de um escrito não reside no seu estilo polido ou impolido, mas na substância de seus argumentos. O próprio prof. Dugin aceita como científicos os escritos de Karl Marx, cujo estilo é mil vezes mais violento que o meu, e aliás desprovido do atenuante humorístico que nunca falta naquilo que escrevo.

18. Minha opinião estúpida

“Of course, I do not say that Professor Dugin is dishonest. But he is honestly devoting himself to a kind of combat that, by definition and ever since the world began, has been the embodiment par excellence of dishonesty.» This thesis I find really stupid. I don't affirm that Mr. Carvalho is stupid himself, no way, but I feel sincerely that the usurpation of the right of global moral judgment in such affairs as what is «honest» or «dishonest» fits perfectly into the old tradition of extreme stupidity.

(1) Desde logo, a opinião de que a política em geral é o reino dos farsantes e desonestos é a mesma que Shakespeare ilustra em *Romeo and Juliet* e em outras peças, estando portanto a minha estupidez fundada ao menos num precedente histórico ilustre, que, se não a legitima, ao menos a enobrece.

(2) Porém o mais lindo nesse trecho é que aí o prof. Duguin aparece falando como porta-voz do relativismo cultural radical, o último e mais belo rebento do modernismo ocidental que ele diz odiar com todas as suas forças.

É inútil exigir consistência de um homem que faz profissão-de-fé de irracionalismo militante,¹³ mas, só para meu uso próprio e de meus leitores, pergunto como o prof. Duguin pode conciliar a inexistência de normas morais universais com a sua propalada crença de cristão na validade universal dos Dez Mandamentos.

(3) Note-se que ele qualifica a minha opinião de “estúpida”, mas não faz a mínima tentativa de mostrar por que é estúpida. O adjetivo, supõe ele, deve valer como prova de si mesmo. Uma vez carimbada como estúpida, minha opinião torna-se automaticamente estúpida pelo mero poder do carimbo. Segundo Aristóteles, esse modo de falar, que finge ser óbvia, universalmente reconhecida e de domínio público uma afirmação que de fato não é nada disso, é a definição mesma da *argumentação erística*, ou contenciosa, a falsa retórica dos demagogos e farsantes: “Uma dedução é erística quando parte de opiniões que parecem ser de aceitação geral, quando na verdade não o são.”¹⁴

19. Julgamento por adivinhação

So being really clever and smart, Mr. Carvalho consciously supplies very stupid argument in order to be nearer to the American right «Christian» public he tries to influence.

(1) Aí novamente o prof. Duguin me julga por adivinhação, sem ter a menor idéia das minhas atividades reais. Nunca procurei influenciar a direita americana, embora não exclua a possibilidade de tentar fazê-lo algum dia, se me parecer conveniente. Só lhe dirigi a palavra quando convidado, em ocasiões raras e esporádicas. Todo o meu trabalho de professor, escritor e conferencista está voltado para o público brasileiro, através de artigos publicados na imprensa paulista, de um

¹³ V. Alexandre Douguine, *Le Prophète de l'Eurasisme*, op. cit., pp. 146-147.

¹⁴ *Tópicos*, 103b23.

programa de rádio em português e de aulas semanais (também em português) para os três mil membros do Seminário de Filosofia. O Inter-American Institute, recém-fundado, tem por objetivo congrega intelectuais das três Américas para intercâmbio de informações e opiniões. Não é um órgão militante nem de propaganda, embora possa e deva se pronunciar moralmente em casos extremos como o da prisão de um de nossos *fellows* na Venezuela. E aliás é tão indiferente a toda política “ocidentalista”, que tem entre seus primeiros *fellows* o Dr. Ahmed Youssif El-Tassa, um muçulmano residente na China.

(2) O uso reiterado das aspas pejorativas, que caracteriza o estilo literário ginasiano, comparece aqui para negar, mediante um mero artifício gráfico, que os cristãos americanos sejam cristãos. Cristão genuíno é o prof. Duguin, que, com sua profissão de fé relativista, nega abertamente a universalidade dos Dez Mandamentos.

20. A realidade foi inventada na Idade Média

And one philosophic point: “*Yet, the millennial philosophical technique, which those people totally ignore, teaches that the definitions of terms express only general and abstract essences, logical possibilities and not realities.*” The question what reality is and how it corresponds to the “definitions” or “ideas” differs considerably in various philosophical schools. The term itself “reality” is based on the Latin word “res”, “re”, “thing”. But that word fails in Greek. By Aristotle there is no such word – he speaks about *pragma* (deed), *energeia*, but mostly about *on*, the being. So the “reality” as something independent (or partly dependent – in Berkley, for example) from the mind is Western post-Medieval concept and not something universal.

(1) Absolutamente errado. A inexistência de uma palavra em determinada língua não torna automaticamente impensável para os falantes dessa língua o conceito correspondente, que pode ser expresso por paráfrases, símbolos ou fórmulas matemáticas ou até permanecer implícito. Para que as línguas nativas limitassem efetivamente as possibilidades cognitivas dos seus falantes, como pretendia o infeliz Benjamin L. Whorf, seria preciso antes demonstrar que eles são incapazes de desenhar, construir, imitar por gestos, fazer música, dançar, etc. Se o estoque de palavras limitasse o estoque de percepções e idéias, cada cidadão só poderia perceber as coisas cujos nomes já conhecesse de

antemão, e os bebês seriam incapazes de usar chupetas corretamente antes de saber pronunciar a palavra “chupeta”. O universo é abundante não só de coisas sem nome, mas de idéias sem nome. Desafio, por exemplo, o Prof. Duguin a encontrar uma palavra, em português ou russo, que nomeie o conceito que acabo de emitir na frase anterior. Essa palavra não existe; donde se conclui, segundo o critério do prof. Duguin, que essa frase não foi jamais pensada, nem escrita, nem lida.

(2) É verdade que o termo *realitas*, *realitatis*, só aparece no latim medieval, como derivado do latim antigo *res*, *rei*. Este último termo, geralmente traduzido como “coisa”, tem no entanto, já no latim clássico, a acepção de “tudo quanto é, ou de algum modo existe”.¹⁵ Serve, já desde os tempos de Cícero, como uma das traduções possíveis da palavra grega *on*, “ser”. O termo *realitas*, portanto, nada introduz de novo, designando apenas a qualidade de ser *res*. Imaginar, com base em conhecimentos precários do latim, que ninguém soubesse da existência de um ser independente da mente humana até que o vocabulário medieval passasse o termo *res* da clave substantiva à categoria da qualidade, é o mesmo que supor que ninguém reparou na existência da força viril antes que se inventasse o termo “virilidade”. Por que, por que, porca miséria, o prof. Duguin me obriga a explicar-lhe essas coisas que ele bem poderia ter perguntado ao seu professor de latim no ginásio?

(3) Para Platão, as Idéias ou Formas são entes objetivamente existentes, independentes da mente humana. Para Aristóteles, são-no igualmente os princípios universais da ontologia e os objetos da natureza física. O chamado “realismo das Idéias” é um componente tão essencial do platonismo que praticamente nenhum estudioso de Platão jamais colocou isso em dúvida.¹⁶ Não preciso recomendar ao prof. Duguin anos de estudo de uma bibliografia platônica de dimensões oceânicas, de Diógenes Laércio a Giovanni Reale. Nem preciso lembrar-lhe o combate persistente de Platão às doutrinas sofísticas que faziam da verdade uma serva do arbítrio humano.¹⁷ A simples leitura do

¹⁵ V. Francisco Antônio de Souza, *Novo Dicionário Latino-Português*, Porto, Lello, 1959, p. 856.

¹⁶ Nem mesmo Paul Natorp, que em 1903 apresentou uma interpretação kantiana do platonismo, explicando as Idéias como formas *a priori*, chega a reduzi-las a projeções da mente humana. Formas *a priori*, no fim das contas, são condições prévias que moldam as possibilidades da mente e, por isso mesmo, não dependem dela de maneira alguma. V. *Plato's Theory of Ideas. An Introduction to Idealism*, transl. by Vasilis Politis and John Connolly, Academia Verlag, 2004.

¹⁷ V. a respeito o ensaio magistral de Jean Borella, “Platon ou la restauration de l’intellectualité Occidentale” em <http://rosamystica.kazeo.com/Platon-ou-la-restauration-de-l-intellectualite,r249002.html>.

Banquete, no seu trecho mais famoso, basta para mostrar o tamanho do seu erro. As Idéias são ali definidas como “algo, em primeiro lugar, que sempre é, que não nasce nem perece, não cresce nem diminui”¹⁸. Que tem isso em comum com a psique humana, que, dependente dos sentidos, é marcada pela mutabilidade e inconstância? Resume Giovanni Reale: “As Idéias são repetidamente qualificadas por Platão como o verdadeiro ser, ser em si, ser estável e eterno.”¹⁹ No *Fédon*, Platão contrasta a eternidade estável das Idéias com a inconstância da mente humana, que procura se aproximar delas “por meio de perguntas e respostas”, sem jamais poder apreendê-las completamente.²⁰

Independentes da mente humana são, para Platão, não somente as Idéias eternas, mas até os fenômenos do mundo físico que as ilustram diante dos nossos olhos: “Deus inventou a visão e a deu de presente a nós para que, contemplando o curso da inteligência divina no firmamento, pudéssemos transferi-lo aos movimentos do nosso próprio pensamento.”²¹ O céu visível é não somente externo à mente humana, mas superior a ela ao ponto de dever servir-lhe de medida e modelo, ajudando-a a superar sua inconstância e falibilidade mediante a contemplação de um símbolo natural das Idéias eternas.

Uma boa resenha dos estudos platônicos ao longo dos tempos é *Images de Platon et Lectures de Ses Oeuvres*, de Ada Neschke-Hentschke,²² em que vinte eruditos repassam as interpretações mais célebres do platonismo desde a Antigüidade até o século XX. Pode procurar: não encontrará uma só dessas interpretações que negue a existência do “realismo das Idéias”.

Um idealismo subjetivo, que tudo ou quase tudo reduz a projeções da mente humana e nisso vai muito além do relativismo sofístico ou do ceticismo pirrônico, esse sim é que é um fenômeno moderno, desconhecido na Grécia antiga. Este é outro ponto que os historiadores da filosofia jamais colocaram em dúvida.²³

¹⁸ *Banquete*, 210e2.

¹⁹ Giovanni Reale, *Por Uma Nova Interpretação de Platão*, trad. Marcelo Perine, São Paulo, Loyola, 1997, p. 126.

²⁰ *Fédon*, 78d1.

²¹ *Timeu*, 47b-c. V. igualmente *República*, X, 530d e 617b.

²² Ada Neschke-Hentschke avec la collaboration de Alexandre Etienne, *Images de Platon et Lectures de Ses Oeuvres. Les Interpretations de Platon à travers les Siècles*, Louvain-Paris, L'Institut Supérieur de Philosophie / Éditions Peeters, 1997.

²³ Os livros a respeito são tão numerosos que a única dificuldade em citá-los é o *embarras de choix*. Sugiro, a esmo, quatro dos melhores: Alain Renaut, *L'Ère de l'Individu. Contribution à*

21. Realidade e conceito

Different cultures don't know what “the reality” means. It is a concept, nothing else. A concept among many others.

A realidade não pode ser um conceito, porque, significando “tudo quanto é”, é o campo total da experiência, aberto e irreduzível a quaisquer conceitos, campo dentro do qual os homens existem e produzem conceitos (além de salsichas, automóveis, poemas, crimes, leis etc.). Se a realidade fosse um conceito apenas, não poderíamos existir dentro dela e teríamos de usar algum outro nome – “universo”, “mundo”, “ser”, “totalidade” ou como se queira – para designar aquilo que nos transcende, abarca e contém. Talvez a palavra “realidade” não seja a melhor para isso, mas o conteúdo intencional a que ela aponta é universalmente claro por trás de uma variedade de palavras e símbolos que apontam para a mesma coisa. O prof. Duguin comete aí o erro clássico do psicologismo, tão bem analisado por Husserl, que consiste em confundir o pensamento com a coisa pensada, atribuindo a esta as limitações daquele.²⁴ Quando pensamos, por exemplo, “universo”, algum conteúdo positivo esse pensamento tem, mas sabemos de imediato – ou deveríamos saber – que o universo real transcende infinitamente esse conteúdo. Essa capacidade de subjugar o pensamento à consciência do impensável, ou extrapensável, ou suprapensável, é em todas as épocas e culturas a marca da inteligência humana sã – aquilo que Henri Bergson chamava de “alma aberta”, em oposição à “alma fechada” que só admite a existência daquilo que ela pensa. Almas abertas são Confúcio e Lao-Tsé, Platão e Aristóteles, Ibn ‘Arabi e Rûmi, Shânkara e Râmana Maharshi, Soloviev e Berdiaev. Almas fechadas são Spinoza e Rousseau, Kant e Fichte, Marx e Lênin, Mao e Pol-Pot, todos os revolucionários em suma.

22. Racismo intelectual

Thus, to impose it as something universal and ostensive is a kind of intellectual «racism».

l'Histoire de La Subjectivité, Paris, Gallimard, 1989; Ferdinand Alquié, *La Découverte Métaphysique de l'Homme chez Descartes*, Paris, P.U.F., 1950; Charles Taylor, *Sources of the Self. The Making of Modern Identity*, Cambridge, Mass., The Harvard Univ. Press, 1989; Georges Gusdorf, *Les Sciences Humaines et la Pensée Occidentale*, II: *Les Origines des Sciences Humaines*, Paris, Payot, 1967 (esp. pp. 484 ss.).

²⁴ V. minha apostila “Edmund Husserl contra o psicologismo”, transcrição (não corrigida) de aulas proferidas em 1987 no Rio de Janeiro. Reproduzida (pirateada) em www.4shared.com/document/Xvsi6WJo/CARVALHO_Olavo_-_Edmund_Husserl.htm.

Toda acusação de racismo, com ou sem aspas, toma como pressuposto a igual dignidade de todas as raças, que é um conceito universal fundado na uniformidade geral da natureza humana. A negação da identidade universal da natureza humana em nome da diversidade das raças e culturas faria destas o limite intransponível de todo conhecimento humano, justificando automaticamente, por exemplo, a incomensurabilidade entre uma “ciência judaica” e uma “ciência ariana” e descambando no racismo mais estúpido e truculento. *Tertium non datur*: ou existe uma natureza humana universal ou nada se pode argumentar contra o racismo exceto em nome de uma convenção cultural que, por sua vez, nada poderá alegar racionalmente contra culturas estranhas ou adversas que instituem uma convenção oposta.

23. Relativismo absoluto e relativo

Before speaking of the “reality” we need to study carefully the concrete culture, civilization, ethnos and language.

Sim, sem dúvida, mas não para cair na esparrela de tomar meros fatos culturais como normas epistemológicas. A simples possibilidade de estudar comparativamente várias culturas pressupõe a universalidade do critério comparativo. Quando esse critério é impugnado pelos dados empíricos descobertos, ele tem de ser corrigido precisamente porque se reconhece que não era tão universal quanto deveria, ou quanto se supunha de início. Isso é precisamente o contrário de negar a possibilidade de um critério universal. Uma ciência não pode estudar culturas diversas e proclamar ao mesmo tempo que o faz desde preconceitos culturais sem fundamento científico nenhum. O relativismo, por definição, é relativo, quer dizer, limitado.

24. Relativismo absoluto e relativo (2)

24. The Sapir/Whorf rule and the tradition of the cultural anthropology of F. Boaz and structural anthropology of C. Levy-Strauss teach us to be very careful with the words that have full and evident meaning only in the concrete context. The Russian culture or the Chinese society have different understandings of «reality», «facts», «nature», «object». The corresponding words have their own meaning.

Voltamos ao mesmo ponto: ou o relativismo cultural é relativo, ou nenhuma comparação entre culturas é possível. Se, digamos, entre di-

ferentes imagens de elefantes documentadas em várias culturas não discernimos uma estrutura comum e sua referência a um determinado bicho que existe na natureza, que não foi inventado por nenhuma delas, como poderemos comparar essas imagens e dizer que diferentes culturas têm diferentes idéias sobre o elefante? Toda comparação entre pontos de vista pressupõe, por definição, uma grade comparativa que os abrange a todos e não se reduz a nenhum deles.

25. Sujeito e objeto

The subject/object dualism is rather a specific feature of the West.

Que bobagem. Nenhuma doutrina oriental jamais negou esse dualismo como dado da experiência, implícito aliás no fato banal de que não conhecemos tudo o que nos rodeia. O que algumas delas fizeram foi negar-lhe validade absoluta no plano da universalidade metafísica. Digo “algumas delas” porque mesmo o doutrinador mais extremo da Unidade Absoluta, Mohieddin Ibn ‘Arabi, admitia um dualismo residual intransponível entre a alma e Deus, exigência decorrente do próprio Amor divino.

26. Essência lógica

The «logic essence» is the other purely Western concept. There are the other philosophies with different conceptual structures – Islamic, Hindu, Chinese.

Dizer que “‘essência lógica’ é um conceito puramente Ocidental” equivale a dizer que, fora do Ocidente, ninguém jamais conseguiu distinguir entre o conteúdo de uma mera idéia (essência lógica) e a natureza real de um ente (essência real ou ontológica). Ah, como teriam de ser burros esses Orientais para que a afirmação do prof. Duguin valesse alguma coisa! E depois ele ainda diz que sou eu quem os ofende.

27. Existência e prova

*“From a definition it is never possible to deduce that the defined thing does exist.”*To prove the existence is not an easy task. Heidegger’s philosophy and before him Husserlian phenomenology tried to approach the “existence” as such with problematic success.

(1) O prof. Duguin cai aí numa confusão grossa entre constatar a existência e explicá-la. Se não a constatássemos, jamais nos ocorreria o desejo de explicá-la. Isso aplica-se tanto à existência em geral quanto aos objetos existentes. Quanto àquela, creio nada poder acrescentar às palavras de Louis Lavelle: “Há uma experiência inicial que está implícita em todas as outras e que dá a cada uma delas sua gravidade e sua profundez: é a experiência da presença do ser. Reconhecer essa presença é reconhecer, no mesmo ato, a participação do eu no ser.”²⁵

Sem essa experiência de base, nenhuma outra é possível, e seria uma tolice impensável tentar fazer com que a constatação da presença do ser dependesse da posse de uma “prova”. A existência é um dado inicial, não matéria de prova. Nenhuma prova de nada seria possível, como bem ensinava Mário Ferreira dos Santos, sem a admissão inicial de que “algo existe” ou “algo há”.²⁶

(2) Também é bobagem dizer que Husserl ou Heidegger tentaram “provar a existência”. Salvando a honra do prof. Duguin, que sairia muito arranhada ao dizer tal coisa, faço até a hipótese de que seu tradutor tenha confundido os verbos ingleses, trocando “probe” (investigar) por “prove” (provar). Nem Husserl, nem Heidegger tentaram jamais “provar a existência”. O que eles fizeram foi investigar (*to probe*) a existência. Leibniz já dizia que a pergunta fundamental de toda investigação filosófica é “Por que existe algo, em vez do nada?”. Notem bem: “por que” e não “se”. Se nada existisse, nada seria investigado. A existência da existência não é matéria de dúvida nem de investigação. Podem sê-lo as suas causas, os seus fundamentos, a sua razão de ser, as suas formas, a sua estrutura, e assim por diante.

Quanto à existência deste ou daquele ser em particular, sua constatação é também condição prévia da busca de qualquer explicação.

28. Jogo de cena

“In order to do this, it is necessary to break the shell of the definition and analyze the conditions required for the existence of the thing. If these conditions do not reveal themselves to be self-contradictory, excluding in limine the possibility of existence, even then this existence is not proved. In order to arrive at that proof, it is necessary to gath-

²⁵ Louis Lavelle, *La Présence Totale*, Paris, Aubier, 1934, p. 25.

²⁶ Mário Ferreira dos Santos, *Filosofia Concreta*, São Paulo, É-Realizações, 2009, p. 67.

er from the world of experience factual data that not only corroborate the existence, but that confirm its full agreement with the defined essence, excluding the possibility that the existing thing is something very different, which coincides with the essence only in appearance.” It is a kind of positivist approach completely dismissed by the structuralism and late Wittgenstein. It is philosophically ridiculous or too naïve statement. But all these considerations are details with no much importance. The whole text of Carvalho is so full of such pretentious and incorrect (or fully arbitrary) affirmations that I can not follow it any more. It is rather boring. I'd rather come to the essential point.

(1) Isso não é argumento. É jogo de cena. É *dropping names*, é superioridade fingida como pretexto para fugir de uma discussão que se está perdendo vexaminosamente. O que descrevi no parágrafo citado é um preceito elementar de metodologia científica que – no mínimo por não existir outro que o substitua – continua em uso em todos os laboratórios e institutos de pesquisa do mundo, os quais não estão nem ligando para o que acham Wittgenstein, Lévi-Strauss, Boas, Whorf, Sapir e *tutti quanti*. Notem que, exatamente como fez com estes três últimos, o prof. Duguin não faz o mínimo esforço para defender as opiniões dos dois primeiros. Ele nem mesmo diz quais são essas opiniões. Não as expõe nem resume, muito menos aponta os locais onde se encontram. Limita-se a acená-las vagamente, fugazmente, acrescentando em rodapé uns títulos de livros sem os números das páginas correspondentes. Feito isso, dá todas por tão certas e provadas que quem quer que não as aceite *in totum* e sem discussões está automaticamente desqualificado para o debate e não merece nem mesmo ser comentado. Quem não vê que isso não é filosofia, não é argumentação, e sim uma grotesca tentativa de intimidar mediante o apelo a autoridades que se tomam por tão incontestáveis e tão universalmente aceitas que não é preciso nem mesmo repetir o que elas dizem, bastando citar-lhes os nomes para instilar de imediato, no pobre interlocutor, o mais piedoso e genuflexo sentimento de temor reverencial? Isso não é nem mesmo *argumentum auctoritatis*, é uma caricatura de *argumentum auctoritatis*, é, como diria Aristóteles, tomar como premissas “opiniões que parecem ser de aceitação geral, quando na verdade não o são”. É erística da mais rasteira, da mais abjeta, da mais desprezível.

Notem que linhas atrás [20(3)], ao escorar-me numa interpretação de Platão que, esta sim, é unanimidade milenar consagrada que todo estudante de filosofia tem a obrigação de conhecer, nem aí me permiti dá-la por tão universalmente aceita que isso me dispensasse de provar o que estava dizendo. Resumi a interpretação, com fontes textuais exatas, primárias e secundárias, e argumentei em favor dela de modo que todos entendessem de quê eu estava falando e pudessem avaliar por si próprios se eu tinha razão ou não. O prof. Duguin não faz nada disso: alude por alto a meia dúzia de nomes e segue em frente, de peito estufado, simulando superioridade e arrotando desprezo pelo adversário despreparado e inculto que nem merece explicações sobre coisas tão óbvias e arqui-sabidas. Que comédia!

(2) O prof. Duguin, ao crer que qualquer coisa que esses tipos tenham “dismissed” está automaticamente excluída do universo intelectual decente, revela uma submissão acrítica, fanática mesmo, à fina flor da moderna intelectualidade ocidental relativista, estruturalista e desconstrucionista que, desde a perspectiva tradicionalista que ele diz ser a sua, não deveria nem poderia ter autoridade nenhuma.

Acossado por um adversário ao qual não sabe o que responder, o apóstolo da cristandade ortodoxa desveste a opa de religioso e aparece falando como um intelectual parisiense ou um editor de *Social Text*.

(3) Em todo debate erudito, é básica e essencial a distinção entre aquilo que cabe discutir e aquilo que se pode dar por pressuposto, por ser universalmente admitido e fazer parte da formação acadêmica usual. Sem o terreno comum de uma cultura superior compartilhada, nenhuma discussão é possível. Os dados básicos da história da filosofia são o exemplo mais típico do que estou dizendo. Ninguém pode entrar num debate filosófico sem dar por suposto que o adversário conhece o essencial do platonismo, do aristotelismo, da escolástica, do cartesianismo, etc., e sabe distinguir nela entre os pontos consensuais, firmados por uma longa tradição de estudos, e as áreas problemáticas, ainda sujeitas a investigação e discussão. Não é tolerável, portanto, que um debatedor acadêmico ignore os dados básicos da história do platonismo e por outro lado tome algumas doutrinas recentes, bastante contestadas e impugnadas, como se fossem de aceitação universal e consensual, como se ir contra elas fosse sinal de ignorância e despreparo. Só posso concluir, disso, que a formação do prof. Duguin foi muito deficiente em filosofia antiga e muito sobrecarregada de leituras da moda, que o impressionaram ao ponto de consolidar-se, na sua

mente, como portadoras de conclusões definitivas – tão definitivas quanto o consenso universal dos historiadores em torno do realismo platônico ou da origem moderna do subjetivismo gnoseológico. É difícil discutir com uma mente que inverte as proporções do certo e do duvidoso, ignorando premissas de aceitação universal e apelando à autoridade de consensos inexistentes.

(4) Pior ainda, o homem nem se dá conta, ou finge não se dar conta, de que todas as presumidas autoridades que ele esfrega no meu nariz com ares triunfantes se inscrevem na linha da herança kantiana que, segundo ele próprio,²⁷ é a encarnação suprema da perversidade ocidental.

Desde que Kant abriu entre sujeito e objeto o abismo intransponível das “formas *a priori*”, descobrir algum condicionante apriorístico que limite e molde pelas nossas costas a percepção que temos do mundo tornou-se uma paixão obsessiva dos pensadores ocidentais mais típicos e notórios. Cada um deles procura cavar mais fundo o abismo, provando que nada conhecemos diretamente, que tudo chega a nós através de uma grade deformante, de um véu de ferro de interpretações prévias que o distinto autor da teoria é, como um novo Kant, o primeiro a descerrar. A lista dos descobridores de condicionantes apriorísticos é grande. Limito-me a mencionar os mais vistosos. Nem sempre esses condicionantes são *a priori* em sentido estrito, kantiano; alguns deles formam-se no curso da experiência; mas, permanecendo desconhecidos pelo sujeito cognoscente individual cuja moldura de conhecimento formam e determinam, funcionam como autênticas formas *a priori* em relação aos atos cognitivos conscientes realizados pelo pobre infeliz. Vamos lá:

1. Hegel diz que as leis invisíveis da História se sobrepõem a todas as consciências individuais (exceto a dele próprio, é claro), de modo que, quando acreditamos conhecer algo, estamos iludidos: é a História quem pensa, a História quem sabe, a História que, possuidora da “astúcia da razão”, nos move de cá para lá segundo um plano secreto.

2. Arthur Schopenhauer declara que a consciência individual vive num mundo de ilusões, movida, sem sabê-lo, pela força da Vontade universal que tudo determina sem razão nenhuma.

²⁷ V. *Le Prophète de l'Eurasisme*, op. cit., pp. 132-133.

3. Karl Marx diz que a ideologia de classe – um sistema de crenças implícitas que pervade com onipotência invisível toda a cultura que nos rodeia – preforma e deforma a nossa visão do mundo. Só quem pode rasgar esse véu e enxergar as coisas como são é o proletariado, cuja ideologia de classe, por não ser fundada no interesse de explorar o próximo, coincide com a realidade objetiva. Como foi possível que o primeiro a descobrir essa realidade objetiva fosse logo ele próprio, um burguês que só conhecia os proletários de longe, é coisa que ele não explica, nem eu.

4. O dr. Freud diz que toda a nossa visão das coisas é moldada e deformada desde a mais tenra infância pela luta entre o Id e o Superego, de modo que aquilo que entendemos por realidade não passa geralmente de uma projeção de complexos inconscientes, uma distorção da qual só podemos nos livrar mediante alguns anos de sessões psicanalíticas duas ou três vezes por semana, que aliás custam uma fortuna.

5. Carl G. Jung diz que o buraco é ainda mais embaixo. Não estamos separados da realidade só pela estrutura da nossa psique infantil, mas por esquemas cognitivos que remontam à aurora dos tempos – os “arquetipos do inconsciente coletivo”. Aí o caminho da libertação, sem garantia de sucesso, passa por algumas décadas de estudo de mitologia, religiões comparadas, alquimia, magia, astrologia, o diabo. A única diferença entre Jung e os demais escavadores de “formas *a priori*” é que, na extrema velhice, ele teve pelo menos a hombridade de reconhecer que não estava entendendo mais nada e admitir que só Deus sabia as respostas.²⁸

6. John B. Watson e B. F. Skinner dizem que a consciência individual nem mesmo existe, é apenas uma falsa impressão criada pelo jogo mecânico dos reflexos condicionados.

7. Alfred Korzybski e Benjamin L. Whorf dizem que imaginamos conhecer a realidade, mas que, infelizmente, “preconceitos aristotélicos” embutidos na estrutura dos nossos idiomas e arraigados no nosso subconsciente, nos impedem de ver as coisas como são.

8. Ludwig Wittgenstein diz que praticamente nada conhecemos da realidade, que tudo o que fazemos é passar de um “jogo de linguagem” a outro “jogo de linguagem”, sem muito ou nenhum controle do que fazemos.

²⁸ V. **Memoirs, Dreams, Reflections**, transl. Richard and Clara Winston, New York, Pantheon Books, pp. 354 e 359.

9. Lévi-Strauss diz que, quando pretendemos conhecer o mundo exterior e agir como donos de nós próprios, estamos apenas obedecendo inconscientemente a regras estruturais embutidas na sociedade, na cultura, na ordem familiar, na linguagem, etc.

10. Michel Foucault já bota para quebrar e diz que o ser humano nem mesmo pensa: “é pensado” pela linguagem, sem ter a mínima voz ativa no capítulo.

11. O desconstrucionismo de Jacques Derrida joga a pá de cal nas pretensões cognitivas da consciência humana, jurando que nada do que dizemos se refere a dados do mundo exterior, mas um discurso só remete a outro discurso, e este a outro e assim por diante, fechando-se o universo cognitivo humano num muro de palavras sem nenhum significado extra-verbal.

Preciso dizer mais? Quem quer que conheça o universo-padrão de leituras propostas aos estudantes de filosofia hoje em dia, na Europa ou nas Américas, reconhecerá que essas onze etapas – e suas muitas intermediárias – descrevem a linha de evolução mais influente do pensamento ocidental nos últimos duzentos anos. Ora, nessa linha observamos um traço de uniformidade gritante: a proclamação geral e cada vez mais ostensiva da inabilidade da consciência individual, a sua submissão cada vez mais completa a forças anônimas e inconscientes que a determinam e a limitam por todos os lados. Tantos são os determinantes apriorísticos, tal a sua força e tão altos são os muros que eles erguem entre sujeito conhecedor e objeto conhecido, que chega a ser espantoso que, com tantos *handicaps* metafísicos, gnoseológicos, sociológicos, antropológicos e lingüísticos, o pobre indivíduo humano seja ainda capaz de perceber que as vacas dão leite e as galinhas botam ovos.

Dessas constatações podemos extrair algumas perguntas:

1. Quanta cara de pau ou quanta ignorância um sujeito precisa acumular para, diante de um assalto tão geral e implacável movido à consciência individual em nome de fatores impessoais e coletivos, continuar proclamando que “o individualismo” é o traço definidor da cultura ocidental moderna?²⁹

²⁹ Esse individualismo existe, de fato, mas não sem contradições internas que às vezes fazem dele o inverso do que parece. Quem pode negar, por exemplo, que o impacto das ideologias igualitárias e coletivistas, aparentemente adverso a todo individualismo, acabou por fomentar nas massas toda sorte de ambições individualistas reforçadas por um espírito de reivindicação impaciente? Quem

2. Como pode essa criatura declarar abertamente seu ódio à linhagem kantiana e ao mesmo tempo escorar-se nela, tomando-a como autoridade absoluta e irrecorrível que dispensa argumentos e cuja mera menção deveria tapar a boca do adversário?

3. Como pode esse estranho tipo de cérebro conciliar seu propalado horror à “separação sujeito-objeto” com a confiança devota que ele deposita nas doutrinas que mais enfatizaram essa separação, ao ponto de negar ao indivíduo humano todo e qualquer acesso a verdades universais e até mesmo particulares?

Segundo Aristóteles, conhecer a verdade é um dom natural do ser humano, só obstaculizado por fatores acidentais ou privações forçadas. Segundo aqueles ilustres descobridores de “formas *a priori*”, é precisamente o contrário: conhecer a verdade é um acontecimento raro e excepcional, que pode, na melhor das hipóteses, ter sucedido a eles próprios, os pioneiros descerradores de véus impeditivos, sendo negado ao restante da espécie humana.

Um fenômeno que sempre me chamou a atenção é que, sendo a consciência individual humana tão insignificante e inerme como dizem aqueles mestres, os governos de algumas das nações mais poderosas da Terra fizessem tanto esforço e despendessem tanto dinheiro em pesquisas destinadas a criar meios técnicos de subjugar e escravizá-la. Por que tanto empenho em debilitar e subjugar aquilo que, por si, já nada pode e nada sabe? Cães de Pavlov, controle behaviorista do comportamento, lavagem cerebral chinesa, MK-Ultra, engenharia social e psicológica de Kurt Levin, programação neurolingüística – a lista não tem mais fim. A mera observação do contraste grotesco entre a alegada debilidade da vítima e o tamanho do arsenal que se mobiliza para domá-la já basta para mostrar que há algo de errado com todas as filosofias do determinante apriorístico, isto é, com toda a linhagem dos filhos legítimos e bastardos de Immanuel Kant. Que o prof. Dugin apele a essa linhagem com a devoção de um crente mostra que, no empenho de intimidar seu adversário, ele não se vexa de lançar mão dos recursos mais disparatados, inconexos e incompatíveis.

pode negar que a “liberação sexual”, um dos pontos fortes do esquerdismo moderno, desperta uma ânsia de satisfações eróticas que eleva o individualismo egoísta às suas últimas conseqüências? Sem a reivindicação “coletivista” do feminismo, nenhuma mulher teria a pretensão supremamente individualista de “ser dona do próprio corpo” ao ponto de acreditar no direito de matar um bebê só para não perder a linha da cintura.

Espero, sinceramente, que ele esteja fazendo isso por fingimento maquiavélico, porque, se ele acredita mesmo sinceramente em todo esse caleidoscópio de incongruências, estamos diante de um caso de “delírio de interpretação” em grau jamais vislumbrado pelos descobridores dessa patologia.

29. Ah, como sou odiento!

The text of Mr. Carvalho breaths with the deep *hatred*. It is a kind of resentment (in the Nietzsche sense) that gives him a peculiar look. The hatred is in itself fully legitimate. If we can't hate, we can't love. Indifference is much worse. So the hatred that tears Mr. Carvalho apart is to be praised. Let us now search what he hates and why he does it. Pondering on his words I come to the conclusion that *he hates the East as such*.

Neste mundo odiei muitas coisas, quase sempre injustamente. Na infância, acima de tudo injeções de penicilina, não obstante me salvassem a vida. Depois passei a odiar pudim de pão, que quase me matou por culpa minha própria e não dele, quando me empanturrei da sua substância fofa para além de tudo quanto recomendava a prudência humana e, entre cólicas intestinais homéricas, tomei birra do inocente alimento para sempre. Odiei aquelas instituições hediondas chamadas conservatórios musicais, onde ninguém compreendia a incomensurabilidade matemática de dez dedos e sete teclas, para mim uma obviedade invencível. Odiei a geometria de Euclides, suspeitando que meu professor dessa disciplina tinha a intenção perversa de me fazer de idiota quando afirmava, com a cara mais inocente do mundo, que pontos sem extensão nenhuma, somados, perfaziam um segmento de reta. Mais tarde, odiei praticamente todos os governos brasileiros que conheci, com exceção do breve e honroso mandato de Itamar Franco. Odiei também vários tipos de filmes e até fiz a lista deles, sob o título “Odeio com todas as minhas forças”: filmes de tribunal, filmes de milionários sofredores, filmes de família neurótica, filmes de médico, filmes de americanos em férias etc. etc.

Mas, ao longo destes meus 64 anos de existência, digo com toda a sinceridade e após detido exame de consciência: nunca odiei um só ser humano, ao menos por mais de alguns minutos. Quando alguém me irrita além da medida do suportável, lanço-lhe um olhar fulminante, digo-lhe umas coisas horríveis, faço-lhe as ameaças mais escabro-

sas e dois minutos depois estou rindo e dando tapinhas nas costas da criatura. Quem me conhece sabe que sou assim.

A hipótese de que eu tenha odiado civilizações inteiras, ou as odeie ainda, é a projeção psicótica mais palhaça que já vi. Especialmente quando se pretende que o objeto do meu ódio insano seja o Oriente. Odiei tanto as civilizações orientais que dediquei a elas muitos anos da minha vida, dando o melhor de mim para compreendê-las e para explicá-las aos meus alunos com uma simpatia e uma devoção inegáveis, sempre inspirado na regra de Titus Burkhardt, um autor tradicionalista que o prof. Dugin tem ou deveria ter como um de seus pontos de referência: “Para compreender uma civilização é preciso amá-la, e isto só é possível graças aos valores universais que ela contém.”³⁰ Se odeio as civilizações orientais, por que escrevi todo um livro para mostrar a presença desses valores na doutrina hindu das castas?³¹ Por que desencavei de um arquivo poeirento, publicando-os com introdução e notas, os *Comentários* de meu mestre de arte marcial chinesa, Michel Veber, à *Metafísica Oriental* de René Guénon?³² Por que falei tanto nos *Relatos de um Peregrino Russo*, então totalmente desconhecidos no Brasil, que até uma editora esquerdista acabou se interessando em publicá-los? Por que fui o primeiro estudioso brasileiro a pronunciar no recinto hostil de uma faculdade da USP, contra vento e maré, uma conferência sobre René Guénon? Por que passei anos estudando as práticas místicas do esoterismo islâmico, com o maior respeito, vendo nelas, segundo a perspectiva da “unidade transcendente das Religiões” de Frithjof Schuon, um patrimônio espiritual de valor universal? Por que fui, na grande mídia brasileira, o primeiro articulista a chamar a atenção do público para os nomes de René Guénon, Titus Burckhardt, Seyyed Hossein Nasr e tantos outros porta-vozes de doutrinas caracteristicamente orientais? Por que escrevi uma exegese simbólica de alguns *ahadith* do profeta islâmico, merecendo por isso um prêmio da universidade de El-Azhar e do governo saudita?³³ Aliás, prof. Dugin, o senhor mesmo só se tornou conhecido e conquistou alguma audiência no Brasil graças aos meus artigos

³⁰ Titus Burckhardt, *La Civilización Hispano-Arabe*, trad. Rosa Kuhne Brabant, Madrid, Alianza Editorial, 1970.

³¹ *Elementos de Psicologia Espiritual*, 1987. Inédito, como outros tantos escritos meus, circula em formato de apostila do Seminário de Filosofia.

³² Michel Veber, *Comentários à “Metafísica Oriental” de René Guénon*, organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho, São Paulo, Speculum, 1983.

³³ *O Profeta da Paz. Ensaio de Interpretação Simbólica de Alguns Episódios da Vida do Profeta Mohhamed*, inédito.

de jornal e programas de rádio, que o mencionaram muitas vezes, *sine ira et studio*, ressaltando a importância mundial do seu trabalho e recomendando-o à atenção dos estudantes brasileiros numa época em que ninguém no país, nem mesmo em altos círculos universitários, políticos e militares, tinha jamais ouvido o seu nome. Devo ser mesmo um louco: tanto amor a um objeto de ódio só se cura com eletrochoque.

A verdadeira barreira que, nesse ponto, me separa do prof. Dugin não é aquela que distingue um ocidentalista fanático e um orientalista *enragé*. A diferença é que, imbuído da crença aristotélica no poder de conhecer a verdade para além de todas as minhas limitações pessoais e culturais, olhei para aquelas civilizações com o olhar amoroso de quem entrevista nelas os valores a que se referia Burckhardt, valores que, sendo universais, eram também os meus. Já o prof. Dugin olhando-as com a mente atravancada de condicionamentos culturais que ele acredita insuperáveis, nega àquelas civilizações a universalidade de valores e só pode enxergar nelas o antagonismo invencível cujo único desenlace tem de ser a guerra e a destruição de metade da espécie humana.

30. Ressentimento

That explains the structure of his resentment.

Ressentimento contra quê? Que mal me fizeram as civilizações do Oriente além de uns tombos que levei em academias de artes marciais?

31. Colocando palavras na minha boca

He attacks Russia and Russian holistic culture (that he dismisses with one gesture of indignation), the Orthodox Christianity (that he consider “morbid”, “nationalist” and “totalitarian”), China (with its collectivistic pattern), the Islam (that is for him the equivalent of “aggression” and “brutality”), Socialism and Communism (in the time of the cold war they were synonyms of the East), Geopolitics (which he arrogantly denies the status of science to), the hierarchy and traditional vertical order, the military values...

Lá vem de novo o prof. Dugin colocando na minha boca palavras que eu não disse nem pensei, que são de sua própria e exclusiva in-

venção, calculadas para ser facilmente demolidas e simular uma vitória arrasadora. Não me lembro de ter criticado a cultura russa por ser “holística”, apenas por produzir tantos assassinos de russos. Na verdade não vejo nenhum “holismo”, nenhum senso de solidariedade comunitária, numa sociedade onde as pessoas se dedicam mais que em qualquer outro lugar do mundo, com a exceção da China, a matar seus compatriotas. E não me refiro só aos tempos do socialismo. Nas duas tabelas dos dez maiores assassinos em massa elaboradas pelo prof. R. J. Rummel, uma para o Século XX, outra para toda a história anterior da humanidade, russos e chineses entram duas vezes: mataram como loucos desde que vieram ao mundo, e redobram de fúria na virada do último século.³⁴ Se os russos já estavam entre os campeões de violência antes do comunismo, continuam a ocupar esse posto depois dele. Segundo dados da revista polonesa *Fronda* – a mesma à qual o prof. Duguin concedeu sua entrevista de 1998 –, oitenta mil russos morrem assassinados por ano, dez mil abortos são praticados a cada dia, a população diminui a olhos vistos e, embora sete milhões de casais não tenham filhos, a quantidade de adoções é tão irrisória que hoje há mais órfãos na Rússia do que ao término da II Guerra Mundial (quanta “solidariedade comunitária” em comparação com os americanos, campeões mundiais de adoções!).³⁵ Não tenho nenhuma teoria histórico-sociológica para explicar esses fatos, mas pretender que tanta violência, tanta crueldade não tenha nenhuma raiz na cultura, que seja tudo culpa de estrangeiros malvados infiltrados no governo local, isto sim é que é “teoria da conspiração” da mais rasteira, da mais estúpida que se possa imaginar. Se o prof. Duguin ainda insiste que tudo isso é culpa das “privatizações liberais” da era Yeltsin, que pare de jogar a culpa em estrangeiros e vá tomar satisfações do seu líder Vladimir Putin, o qual, como chefe da comissão de privatizações naquela época, encheu de dinheiro os bolsos de seus colegas de KGB e aliás também os dele próprio.³⁶

Quanto ao Islam enquanto tal, não me lembro de ter dito uma só palavra contra ele, e sim contra a moderna politização da teologia, que faz tanto mal à religião islâmica quanto a “teologia da libertação” fez ao cristianismo.

³⁴ V. <http://www.hawaii.edu/powerkills/MEGA.HTM>.

³⁵ V. *Fronda* de 16 de março de 2011:

http://www.fronda.pl/news/czytaj/rosja_w_cyfrach_rozpad_i_degeneracja

³⁶ V. o excelente documentário de Jean-Michel Carré, *The Putin System*, que pode ser comprado da Amazon ou descarregado do Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=D49CVOIkpQI>.

32. Ah, como sou odiento! (2)

In his hysterical hatred toward all this he finds the goal in my person. So he hates me and makes it feel. Is he right to see in me and in Eurasianism the conscious representation of all this? Am I the East and the defender of the Eastern values? Yes, *it is exact*. So his hatred is directed correctly. Because all what he hates I love and I am ready to defend and to affirm. For me is rather difficult to insist on the greatness of my values.

Este parágrafo, como tantos outros do prof. Duguin, só vale como profecia auto-realizável. Nunca odiei o prof. Duguin, mas agora estou considerando seriamente a possibilidade de começar a fazê-lo, se ele não parar com essa palhaçada. Ele é com certeza o debatedor mais esquivo e tinoso com que já me defrontei. Incapaz de refutar uma só das minhas idéias no campo da argumentação lógica e factual, ele parte para o terreno da psicologia pejorativa divinatória e, atribuindo-me maus sentimentos que na verdade existem só na sua cabeça, tenta queimar minha reputação na praça. E olhem que ele o faz com a eloqüência inflamada de quem acredita piamente no que diz. Não se trata, portanto, de mera invencionice. É fingimento histórico *strictu sensu*. Imaginar coisas, emocionar-se com elas como se estivessem realmente acontecendo e exibir a emoção em público numa *performance* convincente é a definição mesma da conduta histórica. Quando o prof. me chama “histórico”, está apenas me xingando. Quando uso a mesma palavra com relação a ele, não é xingamento: é um diagnóstico objetivo, científico, baseado em fatos patententes.

33. Guénon e o Ocidente

There are many other thinkers who methodically describe the positive sides of the East, order, holism, hierarchy and negative essence of the West and its degradation. For example, Guenon. It is sure that he hadn't much of enthusiasm regarding communism and collectivism, but the origin of the degradation of the civilization he saw *exclusively in the West and Western culture*, precisely in Western *individualism* (see «The crisis of the modern world» or «The East and the West»). It is obvious that modern Eastern societies have many negative aspects. But they are mostly the result of moderniza-

tion, westernization and the perversion of the ancient traditions.

René Guénon diz de fato que o Ocidente é a vanguarda da decadência, mas lança a culpa disso, como de todo o mal do mundo, na ação subterrânea das “Sete Torres do Diabo”, que são mais Orientais do que o próprio prof. Duguin (v. mais explicações adiante, item 35). Não estou subscrevendo essa teoria, estou apenas mostrando que não é viável, nem honesto, apelar a René Guénon como autoridade legitimadora de um anti-ocidentalismo *à outrance*.

Ademais, Guénon nunca esteve interessado em destruir o Ocidente, mas em salvá-lo, e o caminho prioritário que ele defendia para esse fim era a plena restauração da Igreja Católica na sua missão providencial de Mãe e Mestra. A hipótese de uma “ocupação Oriental” só lhe ocorreu como alternativa secundária no caso do completo fracasso da Igreja Católica, mas mesmo assim ele jamais concebeu essa alternativa sob a forma de guerra, de ocupação militar. O que ele imaginava era uma espécie de revolução cultural islâmica, com os *sheikhs* sufis conquistando, por influência sutil, o controle hegemônico da intelectualidade Ocidental (Frithjof Schuon e Seyyed Hossein Nasr tentaram realizar esse programa).

Ele jamais sugeriu a guerra como solução. Ao contrário, ele dizia que a guerra e o caos generalizado se seguiriam quase inevitavelmente ao fracasso (ou não adoção) das duas alternativas anteriores. Ele não via isso como solução, mas como parte do problema. Nada, absolutamente nada justifica apelar à autoridade de Guénon para justificar um empreendimento bélico das proporções daquele que o Império Eurasiático nos promete.

34. O mundo às avessas

In my youth (early 80-s) I was anticommunist in the Guenonian/Evolian sense. But after having known modern Western Civilization and especially after the end of Communism *I have changed my mind* and revised this traditionalism discovering the other side of the socialist society, which is the parody on the true Tradition, but nevertheless is *much better than absolute absence* of the Tradition in Modern and Post-Modern Western world.

(1) Compreendo perfeitamente a mutação pela qual passou a mente do prof. Duguin. Não há no mundo pessoas mais isoladas e deses-

perançadas que os intelectuais tradicionalistas, os quais vêm, a cada dia, tudo quanto é sagrado e precioso ser destruído impiedosamente pelo avanço do materialismo, do relativismo cínico, da brutalidade e, talvez pior ainda, da banalidade. Poucos deles estão preparados para levar às últimas conseqüências a sua opção pelo espírito, aceitando a derrota histórica total, a completa humilhação dos valores espirituais, como sentença divina destinada a anteceder a apocatástase, o fim de todas as coisas e o advento de “um novo céu e uma nova terra”. É grande a tentação, que os acossa, de apegar-se a alguma última esperança terrena, a alguma tábua-de-salvação político-ideológica que lhes prometa “restaurar a Tradição” por meio da ação material, político-militar. É nesse momento que a alma em desespero passa por uma mutação, um giro de 180 graus, começando a ver tudo às avessas. A mulher que sofre um estupro pode ir à polícia e denunciar o criminoso, mas, se sofre cinqüenta, sessenta estupros repetidos, é bem possível que acabe buscando encontrar algum alívio na idéia cretina de que o estupro é, no fim das contas, um ato de amor. Ninguém no mundo fez um esforço mais renitente e brutal para varrer as religiões tradicionais da face da Terra do que o fizeram os regimes comunistas na Rússia e países-satélites, na China, no Vietnam, no Camboja (e a China ainda está fazendo no Tibete). Falar de “perseguição anti-religiosa” nesses países é eufemismo. O que houve foi genocídio puro e simples, liquidação sistemática da cultura religiosa e dos próprios religiosos. O pastor Richard Wurmbbrand conta que, nas prisões comunistas da Romênia, cada sacerdote era convidado a abdicar da sua religião sob a ameaça de que, em caso de recusa, os dentes do sacerdote de uma outra religião seriam arrancados a sangue frio diante dos seus olhos. Mas a alma do tradicionalista em desespero, incapaz de suportar a visão de tanta maldade, pode, num momento de fraqueza, apegar-se à esperança louca de que haja nisso um bem secreto, um segredo divino transmitido ao mundo em linguagem paradoxal. Então ele começa a enxergar monstros como anjos, Lênin, Mao, Stalin e Pol-Pot como mensageiros da providência disfarçados em diabos. A sociedade mais ostensivamente e odientamente antitradicional que já existiu começa a parecer-lhe a mera “paródia da tradição”, preferível, no fim das contas, à “absoluta ausência de tradição no mundo moderno e pós-moderno”. Nesse momento ele está pronto para se inscrever no movimento eurasiano.

(2) Ademais, que “ausência de Tradição” é essa? Como cristão ortodoxo, o prof. Duguin deveria admitir a obviedade de que o Cristo não veio salvar as nações, mas as almas. A força da tradição cristã numa sociedade não se mede pelo grau de autoritarismo centralizador que nela vigore ainda que em nome da autoridade eclesiástica, mas pelo vigor da fé cristã nas almas dos crentes. Nesse sentido, alguns dados estatísticos recentes poderiam esclarecer a mente do prof. Duguin. Em 2008, uma pesquisa do instituto alemão Bertelsmann Stiftung mostrou a Rússia como o país do mundo onde os jovens são os *menos* religiosos. Será isso um sinal de vigor da “tradição”? O Brasil, em comparação, ficou em terceiro lugar entre os países de juventude mais religiosa,³⁷ mas o universo de crenças desses jovens era bem confuso: muitos não acreditavam em céu ou inferno, outros duvidavam da vida eterna, outros misturavam catolicismo com reencarnação e muitos desconheciam por completo os elementos mais básicos do dogma católico. Enfim, tudo na pesquisa mostrava que o Papa João Paulo II tinha razão ao dizer que “os brasileiros são cristãos nos sentimentos, mas não na fé”. O mesmo vale para a Rússia, onde, segundo pesquisa da Ipsos/Reuters, dez por cento dos que se dizem crentes acreditam, de fato, “em muitos deuses”.³⁸ Com uma Igreja ortodoxa chefiada por agentes da KGB, a única “tradição” que parece estar realmente viva na Rússia é o chamanismo (afinal, duas das Sete Torres, ficam na Rússia, e uma terceira em território da ex-URSS).³⁹ Existe algum lugar do mundo onde a maioria não apenas tenha uma vaga crença “em Deus” ou “em deuses”, mas uma fé cristã definida, nítida, sólida e inabalável? Existe. Uma pesquisa recente da Rasmussen revelou que 74 por cento dos americanos – três quartos da população – declaram, alto e bom som, acreditar que Nosso Senhor Jesus Cristo é o Filho de Deus vivo, que veio ao mundo para redimir os pecados da humanidade.⁴⁰ Esse é o dogma central do cristianismo, seja católico, ortodoxo ou protestante. Esse é o centro irradiante da tradição cristã. A tradição está viva onde a fé está viva, não onde sonhos comuno-fascistas de uma “sociedade orgânica” usurpam a autoridade da fé enquanto a população volta as costas à “única coisa necessária”.

³⁷ V. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u425463.shtml>.

³⁸ V. <http://www.reuters.com/article/2011/04/25/us-beliefs-poll-idUSTRE73O24K20110425>.

³⁹ V. Jean-Marc Allemand, *op. cit.*, pp. 117 ss.

⁴⁰ V. <http://www.worldnetdaily.com/index.php?pageId=291121>.

35. As Sete Torres do Diabo

So, I love the East in general and blame the West. The West now expands itself on the planet. So the globalization is Westernization and Americanization. Therefore, I invite all the rest to join the camp and fight Globalism, Modernity/Hypermodernity, Imperialism Yankee, liberalism, free market religion and unipolar world. These phenomena are the ultimate point of the Western path to the abyss, the final station of the evil and the almost transparent image of the antichrist/adjadjal/erev rav. So the West is the center of kali-yuga, its motor, its heart.

Não, não é. Quem pretende atrair para a causa eurásiana o prestígio do guenonismo, deveria ao menos ler René Guénon direito. Guénon nunca interpretou o simbolismo Oriente-Occidente como uma grosseira oposição maniqueísta do bem e do mal. Como profundo conhecedor do Islam, ele sempre levou em conta um dos mais célebres *ahadith*, em que o profeta islâmico, apontando para os lados do Oriente, afirmou: “O Anticristo virá dali.” Dos grandes centros difusores da “contra-iniciação”, como Guénon a chamava, nenhum, segundo ele, se localiza no Ocidente, mas um no Sudão, um na Nigéria, um na Síria, um no Iraque, um no Turquestão (dentro da URSS) e – ora, vejam! – dois nos Urais, em pleno território russo.⁴¹ Projetadas no mapa, as Sete Torres formam o diagrama exato da constelação da Ursa Maior. A ursa, emblema nacional da Rússia, representa no simbolismo tradicional a classe militar, *kshatriya*, em cíclica revolta contra a autoridade espiritual. Jean-Marc Allemand menciona, a respeito, “a militarização forçada que acompanha inevitavelmente o marxismo e lhe serve de base”. E prossegue: “Esse aspecto guerreiro à *outrance* e totalmente invertido (em relação à função original e subordinada da casta militar) é o resultado último da revolta dos *kshatriyas*; neste sentido, a URSS é realmente a terra da Ursa.”⁴² Como é que o grande conhecedor de “geografia sagrada” ignora, ou finge ignorar, uma coisa tão básica? E que é que mudou, na Rússia de Putin, senão na direção de uma militarização ainda maior da sociedade? E não está esse fenômeno na linha mesma do projeto eurásiano, concomitante à dominação da sociedade

⁴¹ V. Jean-Marc Allemand, *René Guénon et les Sept Tours du Diable*, Paris, Guy Trédaniel, 1990, p. 20. V. também Jean Robin, *René Guénon. La Dernière Chance de l'Occident*, Paris, Guy Trédaniel, 1983, pp. 64 ss.

⁴² Jean-Marc Allemand, op. cit., p. 130.

chinesa pelos militares e à “sovietização do Islam”, que Jean Robin, categorizado porta-voz do guénonismo, considera um dos traços mais sinistros da degradação espiritual moderna?⁴³

36. Assimetria

36. Mr. Carvalho blames the East and loves the West. But here begins some asymmetry. I love the East as a whole including its dark sides. The love is the strong, very strong feeling. You don't love only good and pure sides of the beloved one, you love him wholly. Only such love is real one. Mr. Carvalho loves the West but not all the West, only its part. The other part he rejects.

O prof. Dugin reconhece uma diferença básica entre nós: enquanto ele adere ao Oriente inteiro, com suas virtudes e pecados, com seus santos e seus criminosos, suas realizações sublimes e suas abominações, eu não faço o mesmo com o Ocidente. Examino-o criticamente e só posso, em sã consciência, aprovar parte dele, aquela parte que é compatível com os valores cristãos que o fundaram. O prof. Dugin percebe isso, mas não atina com a significação óbvia dessa diferença: ele se identifica com uma área geográfica e com um poder geopolítico, eu com valores gerais que não se encarnam em nenhum território geográfico e em nenhum dos poderes deste mundo. Quando Cristo disse “meu Reino não é deste mundo”, ele deu a entender que nenhum poder mundano encarnaria jamais a Sua mensagem exceto de maneira provisória e imperfeita, de modo que nenhum deles teria jamais autoridade de pretender representá-Lo com plenitude. O Velho Testamento já ensinava que “os deuses das nações são demônios”, proibindo aos fiéis oferecer a qualquer deles a devoção e a lealdade que só a Deus eram devidas. Quando me recuso a tomar partido entre as alternativas geopolíticas oferecidas pelo prof. Dugin, estou apenas me recusando a cultuar demônios, mais ainda a fazê-lo sob pretexto cristão. Nunca, como hoje, os poderes deste mundo foram tão ostensivamente hostis ao cristianismo. Se é verdade que “o Espírito sopra onde quer”, a obrigação do cristão é segui-lo onde quer que ele vá em vez de deixar-se paralisar hipnoticamente no culto de falsas divindades.

⁴³ Jean Robin, op. cit., p. 64.

37. Teoria da Conspiração

To explain his attitude in front of the East he makes appeal to the conspiracy theory. Scientifically it is inadmissible and discredits immediately Mr. Carvalho thesis but in this debate I don't think that scientific correctness is that does mean much. I don't try to please or convince somebody. I am interested only in the truth (*vincit omnia veritas*). If Mr. Carvalho prefers to make use of the conspiracy theory let him do it. The conspiracy theory exposed by the Mr. Carvalho is however a banal and flat one. There are other many theories of a more extravagant and brilliant kind in their idiotism. I have written thick volume on the sociology of the conspiracy theory, describing much more esthetic versions (for example assembled in the Adam Parfrey books, "extraterrestrial ruling the world", David Icke's "reptiles government" or R. Sh. Shaver underground «dero's» impressively evoked in the Japanese film «Marebito» by Takashi Shimitsu). But we have what we have. Let us try to find the reason why a serious Brazilian-American professor take the risk of looking a little bit loony making appeal to the conspiracy theories?

Qualquer semelhança entre a minha teoria do sujeito da História e "teorias da conspiração" que alertam para invasões de extra-terrestres ou "governo dos répteis" é apenas uma analogia forçada, artificiosa e insultuosa, a que um debatedor inepto, em desespero, recorre para fugir da discussão. Aqui, novamente, o prof. Dugin se mostra incapaz de orientar-se na complexidade das questões que levanto e esconde seu despreparo por trás de uma afetação teatral de superioridade. Eu não esperava que ele fizesse, diante do público, tão obsceno *strip-tease* moral.

Quem quer que saiba ler compreenderá instantaneamente que minhas explicações sobre a natureza da ação histórica são exatamente o oposto de uma "teoria da conspiração". Demonstro ali que a atual disputa de poder no mundo usa de instrumentos que são não só normais e inerentes à luta política, mas são, de fato, os únicos que existem. Não há ação histórica sem continuidade ao longo das gerações, e só alguns tipos de grupos humanos têm meios de atender a esse requisito. Se entre esses meios se inclui o controle do fluxo de informações, isso só se deve ao detalhe, banal em metodologia histórica, de que a difusão dos

fatos produz novos fatos; de que, portanto, o controle do fluxo de informações é absolutamente essencial a qualquer grupo ou entidade que planeje ações históricas de longo prazo. O *Council on Foreign Relations*, por exemplo, conseguiu permanecer totalmente secreto e desconhecido ao longo de cinquenta anos, embora dele fizessem parte praticamente todos os donos de grandes meios de comunicação o Ocidente.⁴⁴ Quando, findo o prazo de discricão obrigatória, David Rockefeller agradeceu publicamente aos jornalistas o seu silêncio de cinco décadas, deveríamos ocultar esse fato só por um temor caipira de sermos acusados de “teóricos da conspiração”? Qualquer que seja a nossa interpretação desses acontecimentos, não podemos negar que eles expressam um propósito duradouro e constante de controlar as informações que chegam ao público e, assim exercer grande domínio, na medida do humanamente possível, sobre a direção dos acontecimentos políticos. Comparar afirmações óbvias como essa a um anúncio de “invasão de marcianos” é um hiperbolismo pueril que só pode expor seu autor à humilhação e à chacota.

38. Teoria da Conspiração (2)

It seems that I know the answer. The serious side of this not much serious argumentation consists *in the necessity for Mr. Carvalho to differentiate the West he loves from the West he doesn't love*. So Mr. Carvalho proves to be idiosyncratic. He not only detests the East (so Eurasianism and myself), but also he hates the part of the West itself. To make the frontier in the West he uses the conspiracy and the term «Syndicate» (he could use also «Synarchy», «Global Government» and so on). Let us accept it for a while, we agree on the “Syndicate”. The description of «Syndicate» is amazingly correct. Maybe the feeling of correctness of Mr. Carvalho analysis from my side can be explained by the fact that this time I fully share the hatred of Mr. Carvalho. So I agree with the caricature description of the globalist elite and with all furious images applied to it. Here our hatred coincides. Mr. Carvalho affirms that the Syndicate takes control over the world against the will and the interest of all people, their cultures and traditions. I agree with it. Maybe the Rothschild or Fabian myths are too simplistic and

⁴⁴ V. Gary Allen, *The Rockefeller File*, Seal Beach, CA., '76 Press, 1976, pp. 52-53.

ridiculous, but the essence is true. There *is* such thing as global elite and it *is acting*.

Ao admitir que o Consórcio existe e age da maneira que descrevi, o prof. Dugin mostra que ou a minha versão desse fenômeno não é de maneira alguma uma teoria da conspiração, ou ele próprio não é avesso a cultivar teorias da conspiração quando lhe convém.

39. Ideologia da livre competição?

But this elite deals with concrete ideological, economical and geopolitical *infrastructure*. In other words this elite is historically and geographically identified and linked with special set of values and instruments. All these values and instruments are *absolutely Western*. The roots of these elite goes into the European Modernity, Enlightenment and the rise of the bourgeoisie (see W.Sombart). The ideology of this elite is based on the *individualism* and *hyper-individualism* (G. Lipovetsky, L. Dumont). The economical basis of this elite is *Capitalism and Liberalism*. The *ethos* of this elite is *free competition*.

Limito-me a responder à última sentença do parágrafo, que resume o sentido dele inteiro. Em que mundo está o prof. Dugin, para afirmar que o *ethos* da elite globalista, do Consórcio, é a livre competição? Será que ele ignora mesmo tudo a respeito da história dessa entidade? Não sabe que a atividade mais constante dessa elite nos EUA, há pelo menos cinquenta anos, tem consistido em tentar impor, não só à atividade econômica, mas a todos os campos da existência humana, toda sorte de restrições e controles estatais? Não sabe que o conflito básico da política americana é a luta entre as políticas estatizantes impostas pelo *establishment* e a boa e velha liberdade de mercado tão cara aos americanos tradicionais? Que acompanhe, então, os artigos de Thomas Sowell, Rush Limbaugh, Michael Savage, Phyllis Schlafly, Star Parker, Neil Cavuto, Larry Elder, Ann Coulter, Cal Thomas, Walter Williams e centenas, milhares de outros comentaristas conservadores que há décadas não fazem outra coisa senão espernear contra o monopolismo e o estatismo obsediantes da elite. Uma coisa é julgar por impressões estereotipadas, outra é acompanhar a luta política no terreno dos fatos. A história do confronto entre conservadorismo e estatismo já foi tantas vezes contada que posso me limitar a recomendar

ao prof. Duguin a leitura de alguns livros, bem conhecidos do público americano, que a relatam de maneira tão clara e definitiva.⁴⁵

É verdade que, no plano internacional, a elite defende a liberdade de mercado entre as nações, mas por que, justamente desejaria impor no exterior o contrário do que faz em casa? Já no século XIX, um dos mais ardentes defensores da abertura dos mercados ao comércio internacional foi Karl Marx, por saber que as fronteiras nacionais eram um obstáculo considerável à expansão do movimento revolucionário. Note bem que a mesma contradição aparente se manifesta na conduta da elite em todos os países: controles estatais draconianos para dentro, liberdade de mercado para fora. Liberdade que, não por coincidência, se restringe ao campo econômico, pois, no mesmo plano internacional, a elite que a propugna vai tratando de estabelecer, através de organismos como a ONU, a OMS, a OIT, etc, toda sorte de controles estatais globais que abrangem a alimentação, a saúde, a educação, a segurança e, enfim, todas as dimensões da vida humana. Com toda a evidência, a liberdade de comércio internacional é apenas um momento dialético do processo de instauração do controle estatal mundial.

40. Interesse nacional americano?

The strategic and military support of this elite is from the first quart of the XX century USA, and after the end of the WWII – *Nord-Atlantic Alliance*. So the global elite, let it be called “Syndicate”, is *Western* and concretely *North American*.

Usar uma nação como suporte estratégico e militar é uma coisa; defender seus interesses é outra completamente diferente. Conforme já expliquei, o Consórcio incrusta-se nos governos de várias nações ocidentais, para poder usar seus recursos estratégicos e seu poderio militar para seus próprios fins que são geralmente opostos aos mais óbvios interesses nacionais desses países. Que “interesse nacional americano” defendia o Consórcio quando ajudava a URSS – mesmo depois da II Guerra – a transformar-se numa potência industrial mili-

⁴⁵ V. George H. Nash, *The Conservative Intellectual Movement in America since 1945*, Wilmington, Del., The Intercollegiate Studies Institute, 1996; Lee Edwards, *The Conservative Revolution. The Movement that Remade America*, New York, The Free Press, 1999; Mark C. Henrie (ed.), *Arguing Conservatism. Four Decades of the Intercollegiate Review*, Wilmington, Del., The Intercollegiate Studies Institute, 2008; Robert M. Crunden (ed.), *The Superfluous Men. Conservative Critics of the American Culture*, Wilmington, Del., ISI Books, 1999; Jeffrey Hart, *The Making of the American Conservative Mind. National Review and its Times*, Wilmington, Del., ISI Books, 2005.

tar pronta a ameaçar a segurança americana? Que “interesse nacional americano” defendia quando fez o mesmo com a China? Que “interesse nacional americano” defendem os Soros e Rockefellers quando subsidiam, por toda parte e especialmente na América Latina, os movimentos esquerdistas mais acintosamente anti-americanos? Que “interesse nacional americano” defende o Consórcio, hoje, ao ajudar a Fraternidade Islâmica, a central do anti-americanismo islâmico, a tomar o poder em nações que antes eram aliadas ou inofensivas ao EUA?

41. Fabricando a unidade

Seeing that clearly I, as the conscious representative of the East, make appeal to the humanity to consolidate all kinds of the alternatives and to resist the globalization and Westernization linked in it. I appeal first of all to Russians, my compatriots, inviting them to refuse pro-Western and pro-globalist corrupted elite that rules now my country and to come back to the spiritual Tradition of Russia (Orthodox Christianity and multi-ethnic Empire). At the same time I invite Islamic people and their community, as well as all other traditional societies (Chinese, Indian, Japanese and so on) to join the battle against the Globalization, Westernization and the Global Elite. The enemy is fighting with new means – with post-modern informational weapons, financial instruments and global network. We should be able to fight them on the same ground and to appropriate the art of the network warfare. I sincerely hope that Latin Americans and also some honest North Americans enter in the same struggle against this elite, against the Post-Modernity and unipolarity for the Tradition, social solidarity and social justice. S.Huntington used to say the phrase «the West against the Rest». *I identify myself with the Rest* and incite it to stand up *against the West*. Exactly as first Eurasianists (N.S.Trubetskoy, P.N.Savitsky and other) did. I think that to be concrete and operational the position of Mr. Carvalho should be rather or with us (the East and Tradition) or with them (the West and Modernity, the modernization). He refuses obviously such a choice pretending that there is a “the third position”. He prefers not to struggle but to hate. To hate the East and to hate the globalist elite. That is his personal deci-

sion or maybe the decision of some North American Christian right, but it is in any case too marginal and of no interest for me.

Aqui o prof. Dugin completa o seu *strip-tease*, tirando a última peça de roupa. Sendo obviamente impossível conciliar no plano doutrinário propostas tão antagônicas quanto o comunismo e o islamismo, o fascismo e o anarquismo, a espiritualidade tradicional e as ditaduras que a esmagam a religião a ferro e fogo, o eurasianismo constrói artificialmente uma unidade negativa baseada no puro ódio a um suposto inimigo comum. Ele então tem de dividir o mundo em dois – o Ocidente contra o Resto, o Resto contra o Ocidente – e partir para a construção da “Cidade Ideal” baseada na guerra atômica e na destruição do planeta. Não é de espantar que esse indivíduo se imagine odiado, pois o ódio é, com toda a evidência, o único sentimento que ele conhece.

É ainda mais significativo que ele exclua como irrelevante a possibilidade de aderir a forças que sejam estranhas e alheias a esse conflito, chamando-as de “marginais e sem nenhum interesse para mim”. Quaisquer valores que não se encarnem imediatamente num poder geopolítico são de fato desprezíveis e sem interesse para ele. Ao longo da história, os valores mais altos foram muitas vezes fracos e minoritários. A história das origens do cristianismo ilustra-os da maneira mais clara. A própria cristianização da Rússia, empreendida por monges desarmados, cercados de mil perigos, é também um caso exemplar. O prof. Dugin proíbe-nos de tomar partido daquilo que é simplesmente certo. Proíbe-nos amar o bem por ser simplesmente o bem. Ele só admite escolha entre poderes. Poderes armados até os dentes. Se fosse um personagem da Bíblia, ele se recusaria, obviamente, a tomar partido da seita minoritária cujo líder era esfolado a chicotadas e pendia, inerte, da Cruz. Com aquele ar de superioridade infinita, ele nos convidaria a esquecer o Cristo e a optar entre os poderes deste mundo, entre Pilatos e Caifás.

42. Colocando palavras na minha boca (2)

Loosing the rest of the coherence Mr. Carvalho tries to merge all he hates in one object. So he makes the allusion that the globalist elite and the East (Eurasianism) are linked. It is new purely personal conspiracy theory.

Não me lembro de haver tentado fundir o Consórcio, o Império Eurasiano e o Califado numa entidade única mundial. Ao contrário, já

na minha primeira mensagem deixei claro que “as concepções de poder global que esses três agentes se esforçam para realizar são muito diferentes entre si porque brotam de inspirações ideológicas heterogêneas e às vezes incompatíveis. Não se trata, portanto, de forças similares, de espécies do mesmo gênero. Não lutam pelos mesmos objetivos e, quando ocasionalmente recorrem às mesmas armas (por exemplo a guerra econômica), fazem-no em contextos estratégicos diferentes, onde o emprego dessas armas não atende necessariamente aos mesmos objetivos”. Não poderia haver expressão mais nítida da independência mútua das três forças. Se entre elas, apesar da disputa que as divide, há “imensas zonas de fusão e colaboração, ainda que móveis e cambiantes”, isso não poderia afetar retroativamente a heterogeneidade das suas origens e dos valores que as inspiram. “Imensas zonas de fusão e colaboração” sempre existiram aliás entre poderes antagônicos, como a URSS e a Alemanha nazista, sem que por isto se realizasse o sonho dourado do prof. Duguin, a unificação das tiranias numa guerra total contra o Ocidente.

Colaborações entre o Consórcio, o esquema russo-chinês e o Califado são tão notórias e tão bem documentadas que não há razão para insistir nisso. As guerras que o governo americano está movendo agora mesmo em benefício exclusivo da Fraternidade Islâmica, os investimentos americanos maciços que transformaram uma China falida em potência industrial ameaçadora (contra o protesto de tantos conservadores!), ou a ajuda muito especial dada pelos EUA à reconstrução da URSS após a II Guerra, em condições muito mais generosas do que as oferecidas aos demais Aliados – tais são exemplos historicamente indubitáveis que nenhum espantalho duguiniano é grande o bastante para encobrir.

Tentar fazer de minhas explicações, tão simples e claras, a construção mitológica de uma central global de maleficência – algo como a Kaos da série “Agente 86” –, é tão artificial, tão ridículo, que o impulso de caricaturar se volta contra o próprio autor da façanha, mostrando-o como um verdadeiro palhaço.

43. Colocando palavras na minha boca (3)

It could enlarge the panoply of the other extravaganzas. It should sound something like this: “the globalist elite itself is directed by hidden devilish center in the East”...

Construtor e demolidor infatigável de espantalhos, lá vem o prof. Duguin de novo me atribuindo idéias que não são nem poderiam ser minhas, e que aliás, para cúmulo de ironia, são as dele próprio. A crença em “centros demoníacos orientais”, que dirigiriam todo o movimento do mal no mundo, é parte integrante da “doutrina tradicional” de René Guénon, que ele subscreve sem reservas e à qual desde há mais de vinte anos consagro no máximo uma admiração prudente e crítica.

44. Colocando palavras na minha boca (4)

...or “the East (and socialism) is the puppet in the hands of the devilish bankers and fanatics from CFR, Trilateral and so on”. Congratulations. It is very creative. The free fantasy at work.

Nunca afirmei que o socialismo soviético ou o governo da URSS fossem marionetes nas mãos de “banqueiros diabólicos”, “conspiradores atlantistas” ou qualquer coisa pelo gênero. Quem o afirmou foi o próprio Alexandre Duguin, quando, baseado na opinião de seu correigionário Jean Parvulesco, diz acreditar que “a KGB era o centro de influência mais direta da Ordem Atlântica . . . a máscara dessa Ordem” e que “é bem possível falar de uma ‘convergência dos serviços especiais’, de uma ‘fusão’ da KGB e da CIA, da sua unidade de *lobbying* no nível geopolítico”.⁴⁶

Não tendo coisa mais inteligente a dizer contra mim, Alexandre Duguin acusa-me... de acreditar em Alexandre Duguin! É pecado que cometi ocasionalmente, mas não com respeito a este ponto, onde insisti claramente na independência mútua dos três blocos, tanto no que diz respeito à sua origem histórica quanto aos seus objetivos e suas respectivas ideologias, apontando apenas colaborações locais e ocasionais que não comprometem essa independência em nada.

Como de hábito, o prof. Duguin, incapaz de responder às minhas afirmações, substitui-as pelas suas próprias e, desferindo socos e pontapés em si mesmo, jura que está me dando uma surra danada. Como espera ele que eu reaja a isso, senão com um misto de compaixão e hilariedade?

Convém deixar claro, em tempo, que a própria teoria duguiniana da “guerra dos continentes” é, de alto a baixo, uma “teoria da conspi-

⁴⁶ V. Alexandre Douguine, *La Grande Guerre des Continents*, Paris, Avatar Éditions, 2006, p. 40.

ração”, com raízes manifestamente ocultistas como, por exemplo, as idéias de Helena P. Blavatski e Alice Bailey. Não havendo espaço para explicar isso aqui, chamo a atenção dos leitores para o meu estudo “Alexandre Duguin e a Guerra dos Continentes”, que a partir de hoje, 23 de maio de 2011, irá sendo publicado em capítulos no meu *website* www.olavodecarvalho.org. Leiam e me digam se ao me rotular de “teórico da conspiração” o prof. Duguin está ou não está pondo em prática o velho truque dos comunistas: “Acuse-os do que você faz, xingue-os do que você é.”

45. Igreja Ocidental ou Católica?

What Mr. Carvalho loves? Here I would rather finish the debates. But I think that it is possible to pay little more attention to «the positive» forces described by Carvalho as victims of the global elite. They represent *what Mr. Carvalho loves*. It is important. He names them: *Western Christianity* (ecumenical style – see his description of his visit to the Methodist Church, being himself Roman Catholic), *Zionist Jewish State* and *American nationalist right wingers* (I presume he excludes neocons from the list of love, because of their evident belonging to the global elite). He admires also the simple Americans of the countryside (personally I also find them rather very sympatethic).

Por que o prof. Duguin rotula “Ocidental” a Igreja que se denominou Católica (universal) desde sua origem, que sempre teve santos e mártires de todas as raças e países, cuja influência penetrou muito mais fundo e mais duradouramente no Médio e Extremo Oriente que a da Igreja Ortodoxa Russa, e que hoje deposita mais esperança nos seus fiéis africanos e asiáticos do que no debilitado e corrupto clero Ocidental?

A insistência em encarar tudo pelo viés da Geopolítica, como se os fenômenos de ordem espiritual fossem determinados pelos caprichos dos poderes deste mundo, leva-o a torcer e caricaturar mesmo fatos históricos da maior envergadura.

46. Igreja Católica e direita americana

This set of positive example is eloquent. It is trivia of the American political right.

O prof. Duguin, com toda a evidência, desconhece a imensa bibliografia raivosamente anticatólica despejada todos os anos no mercado pela direita política americana, um fenômeno que me entristece mas cuja existência não posso negar. Não, a Igreja Católica não é “*trivia of the American political right*”.

47. Amor aos fortes

We can consider it as *right side of the modern West*. Or better “paleoconservative” side of the Modern West. Historically they are *losers* in all senses. They have lost (as P. Buchanan[20] shows) the battle for the USA, including for the Republican party where the main positions were taken by neo-conservative with clearly globalist and imperialist vision. They are losers in front of the globalist elite controlling now both political parties in USA. They are living in the past that immediately precedes the actual (Post-Modern and globalist) moment. But at the same time they don't have the inner strength to stand up to the Conservative Revolution - Evolian or wider European style.

Mesmo supondo-se que os *paleoconservatives* sejam mesmo minoritários cronicamente perdedores (deixo para discutir isso mais adiante), por que teríamos de aderir sempre aos vencedores do dia? Não terá o prof. Duguin lido a epígrafe de José Ortega y Gasset na minha mensagem anterior, onde alto e bom som proclamo o meu intuito de fazer exatamente o contrário disso, apoiando o que é bom e certo mesmo quando suas chances de vitória sejam mínimas? Com a maior ingenuidade, ele põe assim à mostra um dos traços mais feios do seu pensamento: a adoração do poder enquanto tal, o culto dos vitoriosos, a idolatria da Força muito acima da Verdade e do Bem. Cada vez mais o cristianismo do Prof. Duguin me parece uma fachada publicitária a encobrir uma religião bem diferente.

48. Utopias comparadas

The yesterday of the West prepared the today of the West as global West. The yesterday Western values (including the Western Christianity) prepared the today hypermodern values. You can deplore this last step, but the precedent step in the same direction can not be regarded as serious alternative.

Por que não? Se o prof. Duguin acredita em fazer da Rússia miserável e esfarrapada de hoje o grande Império mundial de amanhã, que pode haver de tão inviável e utópico, *a priori*, na esperança da restauração de uma cristandade que vem crescendo a olhos vistos enquanto a Rússia definha até em população?⁴⁷

49. Cristianismo e “sociedade orgânica”

The Western Christianity stressed the individual as the center of the religion and made the salvation the strictly individual affair. The Protestantism led this tendency to the logical end. Denying more and more the holistic ontology of the organic society the Western Christianity arrived with the Modernity to self-denial (deism, atheism, materialism, economism). French sociologist Louis Dumont in his excellent books «Essai sur l'Individualism» and «Homo Aequalis» shows that the methodological individualism is the result of the oblivion and direct purge by the Western scholastic of the early and original Greco-Roman theological tradition conserved intact in the Byzance and Eastern Church as whole.

(1) Nem nos Evangelhos nem nos escritos dos Primeiros Padres encontro a menor menção a uma “sociedade orgânica” cuja construção devesse ter prioridade, lógica ou cronológica, sobre a salvação das almas individuais. Pode o prof. Duguin me mostrar onde, em que versículo, Nosso Senhor revelou algum intuito de fundir sua Igreja com o reino de César? Bem ao contrário, a Igreja nasceu, cresceu e salvou milhões de almas numa sociedade abertamente anticristã, e todo o crescimento que veio a ter depois da conversão de Constantino não se compara, proporcionalmente, à transformação de um grupo de doze apóstolos numa religião universal cuja área de influência já ia, então, bem além das fronteiras do Império Romano. Se uma “sociedade orgânica” fosse uma *conditio sine qua non* para a existência e a expansão do cristianismo, nada disso poderia ter acontecido. O próprio surgimento da Igreja teria sido impossível. A prioridade absoluta e indiscutível da salvação das almas individuais sobre a criação de uma “sociedade orgânica” foi estabelecida definitivamente por Nosso Senhor

⁴⁷ V. por exemplo,

http://www.catholicnewsagency.com/news/catholic_church_shows_robust_growth_in_u.s._membership_new_report_says/.

Jesus Cristo, ao declarar: “O sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado.” Desde o ponto de vista cristão, as sociedades devem portanto ser julgadas, não pela sua maior ou menor “organicidade”, mas por fomentarem ou debilitarem a fé, portanto a salvação das almas.

(2) Admitindo-se, *ad argumentandum*, que o cristianismo ocidental desembocou no “individualismo” por sua própria culpa (e que condená-lo em bloco por isso não seja cair no crime de “racismo intelectual” denunciado pelo prof. Duguin no item 22), que resultados alcançou, na Rússia, o “holismo” da Igreja Ortodoxa? Será difícil enxergar a afinidade entre a “sociedade orgânica” dominada por uma Igreja estatal e a sociedade soviética presidida por um Partido dotado de uma doutrina infalível? O próprio prof. Duguin enfatiza essa afinidade. Logo, se o cristianismo ocidental “produziu” o individualismo, o oriental “produziu” o comunismo, a matança de 140 milhões de pessoas e a maior onda de perseguição anticristã que o mundo já conheceu. Nada que tenha sucedido no mundo Ocidental se compara a essa monstruosidade.

Tendo-se em conta que no templo máximo do “individualismo”, isto é, nos EUA, a fé cristã e a solidariedade comunitária continuam vivas e atuantes, ao passo que os russos voltam as costas à fé e se recusam até ao gesto mais óbvio de solidariedade humana, que é a adoção dos órfãos, evidentemente o “individualismo” ocidental, por mais detestável que pareça, foi menos lesivo à salvação das almas do que o “holismo” russo. Não digo que essa dupla ligação de causa a efeito tenha existido realmente (discutir isso a fundo levaria centenas de páginas⁴⁸): limito-me a raciocinar segundo as premissas do prof. Duguin.

É verdade que na Europa Ocidental a fé cristã definhou tanto quanto na Rússia, mas acabamos de ver [28(4)] que a corrente predominante do pensamento europeu desde Hegel, enfatizando a inanidade da consciência individual e sua sujeição absoluta a fatores impessoais e coletivos, não pode ser chamada de “individualista” em nenhum sentido identificável do termo. No campo da política, é também notório que ao longo de todo o século XX predominaram na Europa as políticas estatistas e coletivistas – fascismo, socialismo, fabianismo, tra-

⁴⁸ E nisso seria preciso levar em conta que o próprio Louis Dumont, em cuja autoridade se escora o argumento do prof. Duguin, reconhece que o individualismo já estava presente na Igreja cristã desde seus primeiros tempos, não sendo portanto uma “distorção” posterior.

balhismo, terceiromundismo – em grau incomparavelmente maior do que essas políticas jamais alcançaram nos EUA.

Se o “individualismo” americano é compatível com a persistência da fé cristã, evidentemente ele não pode ser um mal comparável ao genocídio anticristão e, depois disso, ao definhamento da fé cristã na Europa “politicamente correta” ou na Rússia de Vladimir Putin.

50. Sincretismo

This social vision of the Church as the body of Christ in the Catholicism is more developed than in Protestantism and in the Catholicism of the Latin America more than in other places. The Catholicism was imposed here by force in the time of the colonization. But the traditional spirit of aborigine cultures and the syncretic attitude of the Spanish and Portuguese elites gave birth to the special religious form of Catholicism – more holistic than in the Europe and much more traditional than extremely individualistic Protestantism.

Esse parágrafo divide-se, substancialmente, em duas afirmações, uma desnecessária, a outra errada. De fato, como poderia uma religião mais antiga não ser “mais tradicional” do que a sua dissidência revolucionária? E dizer que o catolicismo foi mais sincrético na América Latina do que na Europa é apenas prova de uma ignorância histórica sem limites. A contribuição das culturas indígenas ao catolicismo latino-americano foi irrisória em comparação com o oceano de símbolos, mitos e formas artísticas do paganismo europeu que a Igreja absorveu e transmutou.⁴⁹

51. Protestantismo e individualismo

Mr. Carvalho prefers Western kind of the Christianity that was according to L. Dumont and W. Sombart (as well as to M. Weber) the direct forerunner of Modern secularism.

Não sei em que medida Dumont, Sombart e Weber podem levar a culpa do monstruoso sofisma *post hoc, ergo propter hoc* (“depois disso, logo, por causa disso”), que consiste em atribuir à escolástica a origem dos erros do protestantismo. Mesmo o nominalismo não pode-

⁴⁹ Cf. Friedrich Heer, *The Intellectual History of Europe*, transl. Jonathan Steinber, New York, Doubleday, 1968, Vol. I, pp. 1-26.

ria, por si, produzir um desastre tão espetacular, sem a interferência de outros fatores inteiramente alheios a essa questão. Deixo para investigar isso depois. Mas, desde logo, a qualificação do protestantismo como “individualista” funda-se no simplismo imperdoável de confundir proclamações doutrinárias e conduta política real. O protestantismo, na sua versão calvinista, criou a primeira sociedade totalitária da Idade Moderna, numa versão “organicista” bem parecida com a russa, onde Estado e Igreja formavam uma unidade compacta, exerciam controle draconiano sobre todas as áreas da existência social e cultural e sufocavam, com prisão e pena de morte, qualquer veleidade de individualismo, mesmo na vida privada.⁵⁰ A Reforma inglesa, que começou matando em um ano mais gente do que a Inquisição em muitos séculos, foi essencialmente um empreendimento do governo civil, e resultou no estabelecimento de uma igreja estatal que, em nome da liberdade de consciência, teve entre suas prioridades a perseguição implacável aos que ousassem exercê-la em sentido pró-católico. Aí o “individualismo” foi, com toda a evidência, mero pretexto ideológico para a implantação de um “holismo” ferozmente centralizador.⁵¹

52. Judeus

Some words about the Jewish state. From the point of view of the quantity of violence the tender love of Mr.Carvalho to the Zionism is quite touching. The inconsistency of his views reaches here the apogee. I have nothing against Israel, but its cruelty in repressing the Palestinians is evident.

O prof. Duguin tenta ser irônico mas só consegue ser ridículo. Como os foguetes que os palestinos jogam *praticamente todos os dias* em áreas não-militares de Israel *nunca* são noticiados na grande mídia internacional, mas qualquer investida de Israel contra instalações militares palestinas provoca sempre o maior alarde em todo o mundo, ele, que deveria ser uma inteligência imune à mídia ocidental mas é na verdade um escravo dela (como o é do pós-modernismo), pretende que eu julgue tudo segundo as únicas fontes de informação que ele conhece ou admite, as quais para ele são a voz de Deus.

⁵⁰ V. Michael Waltzer, *The Revolution of the Saints. A Study on the Origins of Radical Politics*, Harvard University Press, 1982.

⁵¹ V., a respeito, o clássico estudo de Michael Davies, *Liturgical Revolution*, vol. I, *Cranmer's Godly Order. The Destruction of Catholicism Through Liturgical Change*, revised edition, Ft. Collins (CO), Roman Catholic Books, 1995.

Você quer mesmo me impressionar com esse chavão jornalístico bobo, prof. Duguin? Eu conheço os fatos, meu amigo. Eu conheço a dose de violência de parte a parte. Eu sei, por exemplo, que os israelenses nunca usam escudos humanos, os palestinos quase sempre. Eu sei que em Israel os muçulmanos têm direitos civis e são protegidos pela polícia, enquanto nos países sob domínio islâmico os não-muçulmanos são tratados como cães e, com frequência, mortos a pedradas. O número de cristãos assassinados nos países islâmicos sobe a várias dezenas de milhares por ano.⁵² Eu não li nada disso no *New York Times*. Eu vi com meus próprios olhos os documentários que a grande mídia esconde. Eu não vivo num mundo de faz-de-conta.

53. Judeus (2)

In Israel there are traditionalists and modernists, antiglobalist forces and representatives of the global elite.

Ah, é? Quer dizer que Israel é uma democracia onde todas as correntes de opinião têm direito à liberdade de expressão? Agora me diga: que destino têm os cristãos e os amigos da América nos territórios dominados pelos seus queridos anti-imperialistas, esquerdistas e eurásianos?

54. Judeus (3)

The antiglobalist front is formed there by the anti-American, ant-liberal and anti-unipolar religious groups and by the left anti-capitalist and anti-imperialist circles. They can be good, that to say “Eurasian” and “Eastern”. But the Jewish State itself is not something «traditional». As a whole it is a modern capitalist and Atlantist entity and an ally of American imperialism. Israel was different at the time and could be different in the future. But in the present is rather on the other side of the battle. More than that, the conspiracy theories (Syndicate and so on) include almost always the Jewish bankers in the heart of the globalist elite or world conspiracy. Why Mr. Carvalho modernizes the conspiracy theory excluding from the main version the «Jews» rests a mystery.

⁵² V. depoimento de Michael Horowitz em <http://www.aina.org/news/20101204231447.htm>. Horowitz é um dos mais destacados pesquisadores da perseguição anticristã no mundo.

(1) Seria ótimo se o prof. Duguin entrasse em acordo com ele mesmo e nos dissesse, de uma vez por todas, se a minha descrição do Consórcio “é acurada” ou é “teoria da conspiração”. Não posso discutir com um monstro de duas bocas.

(2) A presença de banqueiros judeus nos altos círculos do Consórcio é a coisa mais óbvia do mundo, como também a de militantes judeus na elite revolucionária que instaurou o bolchevismo na Rússia. Também é óbvio e patente que esses dois grupos de judeus colaboraram entre si para a desgraça do mundo.⁵³ Continuaram colaborando até mesmo na época em que Stalin desencadeou a perseguição geral aos judeus e a sua querida KGB começou a devolver a Hitler os refugiados judeus que vinham da Alemanha. A colaboração dura até hoje. O barão Rothschild, por exemplo, é dono do *Le Monde*, o jornal mais esquerdista e anti-israelense da grande mídia européia, assim como a família judia Sulzberger é dona do diário americano que mais mente contra Israel. O Sr. George Soros, judeu que ajudou os nazistas a tomar as propriedades de outros judeus, financia tudo quanto é movimento anti-americano e anti-israelense do mundo. Outro dia, uma comissão de judeus americanos, subsidiada por ONGs bilionárias e impressionada ante o assassinato brutal de uma família judia por um terrorista palestino, viajou para fazer uma visita de solidariedade... a quem? Aos parentes dos mortos? Não. À mãe do assassino!

São esses os judeus dos quais você fala, fazendo de conta que eles são a expressão mais genuína e pura do judaísmo universal. Se eles o fossem, eu seria anti-semita. Quem são esses judeus que você menciona? São aqueles que Nosso Senhor denominou Sinagoga de Satanás e definiu como “os que dizem que são judeus, mas não o são”. São pessoas que, como os membros da famigerada Comissão Judaica do Partido Comunista da URSS, se prevalecem da sua origem étnica para permanecer infiltrados na comunidade que os gerou e mais facilmente poder traí-la, entregá-la a seus carrascos, levá-la ao matadouro.⁵⁴ São esses a quem você serve, ao julgar as vítimas pelos assassinos.

(3) Minha posição quanto ao Estado de Israel é muito simples e estritamente pessoal. Não tem nada a ver com atlantismo *versus* eurasismo. Não pretendo impô-la a quem quer que seja. Em primeiro lu-

⁵³ V. Alexandre Soljénitsyne, *Deux Siècles Ensemble. 1795-1995*, 2 vols., Paris, Fayard, 2002, especialmente Vol. II, pp. 40, 50, 53, 264, 336.

⁵⁴ V. as memórias do Rabbi Yosef Yitzchak Schneersohn, *Prince in Prison*, Brooklin, Sichos, 1997.

gar, a mim me parece que, após todo o sofrimento que os judeus passaram na Alemanha, na Rússia e um pouco por toda parte na Europa, seria pura desumanidade negar-lhes uma fatia de terra onde pudessem viver em paz e segurança entre os seus. Tenho orgulho de que um brasileiro – o grande Oswaldo Aranha – presidisse a Assembléia Geral da ONU quando se criou o Estado de Israel. Pouco importa, nisso, o teor da política que viesse a ser adotada pelos israelenses na sua nação recém-estabelecida. Mesmo que decidissem fazer ali uma ditadura comunista, isso não seria motivo para tomar-lhes a terra e espalhá-los numa nova Diáspora. Em segundo lugar: como católico, acredito que os judeus terão uma missão providencial a cumprir nos últimos tempos,⁵⁵ e que portanto é dever dos cristãos protegê-los ou, no mínimo, salvá-los da extinção quando ameaçados. A bula do Papa Gregório X (1271-1276), que, incorporando sentenças de seus antecessores Inocêncio III e Inocêncio IV, proíbe lançar falsas acusações contra os judeus e ordena que os fiéis os deixem viver em paz, tem sido uma constante inspiração para mim.⁵⁶

55. Amor aos fortes (2)

My opinion: American paleoconservatives, traditional American right are doomed. Their discourse is incoherent, weak and too idiosyncratic.

(1) O homem que toma o pós-modernismo como autoridade absoluta e ao mesmo tempo o condena como expressão máxima da corrupção ocidental não deveria chamar ninguém de incoerente.

(2) Também não deveria fazê-lo o homem que xinga os direitistas tradicionais e linhas depois clama pelo seu apoio.

(3) Mesmo que os paleoconservadores estivessem condenados à derrota, alegar essa razão para lhe sonegar apoio seria imoral e supremamente covarde. O homem que só toma partido de quem lhe parece forte não deveria chamar ninguém de fraco. Agarrar-se aos fortes é conduta de mulher vagabunda, não de homem. Como pode o prof. Duguin falar tanto de “ética de guerreiros” e esquecer que ela tem como um de seus mandamentos primordiais o dever de proteger “los que son los menos contra los que son los más”?

⁵⁵ V. Roy H. Schoeman, *Salvation Is from the Jews. The Role of Judaism in Salvation History from Abraham to the Second Coming*, San Francisco, Ignatius Press, 1995.

⁵⁶ V. o documento em <http://www.fordham.edu/halsall/source/g10-jews.html>.

(4) Por fim, não é verdade que os conservadores tradicionais estejam condenados à extinção. Foram eles que elegeram o presidente americano mais amado de todos os tempos (escolhido em várias enquetes como “o maior dos americanos”, acima de Washington e de Lincoln), e foram eles que criaram o mais vasto movimento popular que já existiu nos EUA – o *Tea Party*. O eurasismo não tem um centésimo desse apoio na própria Rússia.

56. Multiculturalismo

If some honest and brave people among North Americans want to fight the globalist elite as the last stage of the Western history, as the end of the history, please join our Eurasian troops. Our struggle is in some sense universal as universal is the globalist challenge. We have different traditions but defending them we confront the common enemy of any tradition. So we will explore where lie our respective zones of influence in the multipolar world *only after* our common victory over the Beast, american-atlantist-liberal-globalist-capitalist-Post-Modern Beast.

É muito bonito. Que nos promete o eurasismo para depois da guerra mundial que destruirá o Ocidente? Uma sociedade multicultural, onde as diferentes etnias terão sua representação no Parlamento.⁵⁷ Mas não é isso mesmo que já vemos nos parlamentos de todas as nações do Ocidente? Será mesmo que o prof. Duguin nunca ouviu falar de *Black Caucus*, de *Lobby islâmico*, etc.? Para que fazer uma guerra mundial só com a finalidade de chegar precisamente aonde já estamos?⁵⁸

57. Espírito guerreiro

Once the West had its own tradition. Partly it has lost it. Partly this tradition has given the poisonous germs. The West should search in its deep ancient roots. But these roots lead to the common indo-european *Eurasian* past, the glorious past of the Scyths, Celts, Sarmats, Germans, Slavs, Hindus,

⁵⁷ V. *Le Prophète de l'Eurasisme*, p. 30.

⁵⁸ Aliás, no campo econômico ele nos promete a mesma coisa: “regulação pelo Estado dos setores estratégicos (complexo militar-industrial, monopólios naturais e similares) e liberdade econômica máxima para o médio e pequeno comércio”. Notem bem: não há grande indústria privada, nem grande comércio privado. Pequenas e médias empresas comerciais prosperam sob as asas do Estado onipotente. Salvo engano, é o que já existe na China.

Persians, Greeks, Romans and their holistic societies, warrior style hierarchical culture and spiritual mystic values that had nothing in common with present day Western mercantile capitalist degenerated civilization.

Seria realmente muito bom se o Ocidente recuperasse o seu espírito guerreiro, sacudindo de si a pusilanimidade burguesa.⁵⁹ Mas garanto que nada desse espírito tem raízes na Pérsia, na Índia ou na Rússia. Remonta à cavalaria cristã da Idade Média, às grandes navegações, à conquista da América e à “ocidentalização do mundo” – a tudo aquilo que o Prof. Duguin abomina e que a militância esquerdista subsidiada pelo Consórcio, pela KGB e pelo terceiromundismo chique tem se esforçado para desmoralizar e achincalhar por meio da “guerra suja” cultural. Mas, como dizia Nietzsche, não se destrói completamente senão aquilo que se substitui. Não basta cortar o Ocidente das suas raízes e em seguida acusá-lo de falta de raízes: é preciso meter-lhe um enxerto eurasiático e persuadi-lo de que esta é a sua raiz verdadeira.

58. Revolta e pós-modernismo

To return to the Tradition we need to accomplish *the revolt* against modern world and against modern West – absolute revolt – spiritual (traditionalist) and social (socialist). The West is in agony. We need to save the world from this agony and may be to save the West from itself. *The Modern (and Post-Modern) West must die.*

Como poderá morrer o pós-modernismo, tendo fiéis tão devotos até na Rússia de Vladimir Putin?

59. A salvação pela destruição

And if there were the real traditional values in its foundations (and they certainly were) we will save them only in the process of the global destruction of the Modernity/Hypermodernity.

A “salvação pela destruição” é um dos chavões mais constantes do discurso revolucionário. A Revolução Francesa prometeu salvar a França pela destruição do Antigo Regime: trouxe-a de queda em queda até à condição de potência de segunda classe. A Revolução Mexicana prometeu salvar o México pela destruição da Igreja Católica:

⁵⁹ J. R. Nyquist escreveu coisas excelentes a respeito disso em *The Origins of the Fourth World War*,

transformou-o num fornecedor de drogas para o mundo e de miseráveis para a assistência social americana. A Revolução Russa prometeu salvar a Rússia pela destruição do capitalismo: transformou-a num cemitério. A Revolução Chinesa prometeu salvar a China pela destruição da cultura burguesa: transformou-a num matadouro. A Revolução Cubana prometeu salvar Cuba pela destruição dos usurpadores imperialistas: transformou-a numa prisão de mendigos. Os positivistas brasileiros prometeram salvar o Brasil mediante a destruição da monarquia: acabaram com a única democracia que havia no continente e jogaram o país numa sucessão de golpes e ditaduras que só acabou em 1988 para dar lugar a uma ditadura modernizada com outro nome. Agora o prof. Duguin promete salvar o mundo pela destruição do Ocidente. Sinceramente, eu prefiro não saber o que vem depois. A mentalidade revolucionária, com suas promessas auto-adiáveis, tão prontas a se transformar nas suas contrárias com a cara mais inocente do mundo, é o maior flagelo que já se abateu sobre a humanidade. Suas vítimas, de 1789 até hoje, não estão abaixo de trezentos milhões de pessoas – mais que todas as epidemias, catástrofes naturais e guerras entre nações mataram desde o início dos tempos. A essência do seu discurso, como creio já ter demonstrado, é a inversão do sentido do tempo: inventar um futuro e reinterpretar à luz dele, como se fosse premissa certa e arquiprovada, o presente e o passado. Inverter o processo normal do conhecimento, passando a entender o conhecido pelo desconhecido, o certo pelo duvidoso, o categórico pelo hipotético. É a falsificação estrutural, sistemática, obsediante, hipnótica – a condensação político-cultural do “delírio de interpretação”. O prof. Duguin inventou o Império Eurasiano e reconstrói toda a história do mundo como se fosse a longa preparação para o advento dessa coisa linda. É um revolucionário como outro qualquer. Apenas, imensamente mais pretensioso.

60. Nem um peido

So the best representatives of the West, of the deep and noble West should be *with* the Rest^[30] (that is with us, Eurasians) and *not against* the Rest. It is clear that Mr. Carvalho chose the other camp pretending to choose neither. It is a pity because we need friends. But it is up to him to decide. We accept any solution – it is the inner dignity of a man to find his own path in History, Politics, Religion, and Society.

Se o prof. Duguin precisa de aliados para ajudá-lo o combater o Consórcio, que conte comigo. Mas pelo seu Império Eurasiano, francamente, não farei sequer o esforço de um peido.

Richmond, 12 de maio de 2011.